

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**

**Karen Maria de Paula**

**O PAPEL DA PROSÓDIA NA IRONIA COMO EXPRESSÃO DE ATITUDE**

**Belo Horizonte**  
**2012**

**Karen Maria de Paula**

## **O PAPEL DA PROSÓDIA NA IRONIA COMO EXPRESSÃO DE ATITUDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na linha de pesquisa Organização Sonora da Comunicação Humana.

**Área de Concentração:** Linguística Teórica e Descritiva.

**Orientador:** Prof. Dr. César Reis.

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lemos de Azevedo.

**Belo Horizonte**

**2012**

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P324p Paula, Karen Maria de.  
O papel da prosódia na ironia como expressão de atitude  
[manuscrito] / Karen Maria de Paula. – 2012.  
91 f., enc. : il., tabs, graf.  
Orientador: César Reis.  
Coorientadora: Luciana Lemos de Azevedo.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Organização Sonora da Comunicação Humana.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 80-83.  
Anexos: f. 84-91.

1. Análise prosódica (Linguística) – Teses. 2. Entonação  
(Fonética) – Teses. 3. Fonética acústica – Teses. 4. Fala – Teses. 5.  
Ironia – Teses. I. Reis, César Augusto da Conceição. II. Azevedo,  
Luciana Lemos de. III. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 414



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Letras**

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Dissertação intitulada “O papel da prosódia na ironia como expressão de atitude”, de autoria da mestrandia Karen Maria de Paula, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. César Reis – FALE/UFMG (Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lemos de Azevedo – PUC Minas (Coorientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leandra Batista Antunes – UFOP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Corrêa Celeste – FEAD

Belo Horizonte, 30 de julho de 2012

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e à Nossa Senhora do Desterro, por olharem por mim, por sempre guiarem meus caminhos e pela minha força e saúde.

Ao meu orientador, César Reis, pela paciência e atenção durante toda a elaboração deste trabalho. Obrigada pela compreensão, pelos ensinamentos, disponibilidade e confiança.

À minha coorientadora, Luciana Lemos, pelo apoio, conselhos, sugestões e por deixar que nossos outros trabalhos ficassem, temporariamente, em segundo plano.

Às companheiras e grandes amigas de mestrado, Bruna Oliveira e Carla Vasconcelos, por todos os momentos que passamos juntas, conversas, lamentos e risos da vida, mas, principalmente, pelas discussões sobre as atitudes. A amizade construída será eterna!

À Roberta Bahia, especialmente, por ter auxiliado tanto na seleção dos informantes. Muito obrigada pela disposição em me ajudar. Sua contribuição foi fundamental!

Aos chefes, colegas e pacientes da Clínica Fono e da Oficina do Ser, pela compreensão nos momentos de ausência.

Aos estudantes de teatro, informantes do estudo, pela disponibilidade e interesse em auxiliar.

Às estagiárias do Labfon, Camila, Mariana, Laura e Thássia, pelo auxílio e disponibilidade.

À Renata Gomide, por todo cuidado, disponibilidade e agilidade na revisão do trabalho.

À Bruna Oliveira, pelo apoio constante e grande auxílio em todas as análises deste estudo.

Aos amigos, que me apoiaram e entenderam os vários momentos de ausência.

Aos amigos que fiz durante o mestrado e que contribuíram para o meu crescimento pessoal. Tenho certeza de que serão amigos para sempre, principalmente Laudiene e Gláucio.

À minha família, sobretudo, pelo amor incondicional, apoio, companheirismo e solidariedade em todos os momentos. Serei eternamente grata por tudo.

A todos que estiveram de longe torcendo, pelo apoio e palavras de incentivo.

**MUITO OBRIGADA!**

*“A dor da queda é forte  
A vontade de parar é muita  
O medo de seguir é tanto  
O sonho quase chega ao fim  
A água de beber é pouca  
O delírio do cansaço é muito  
A lágrima que cai é tanta  
Que pode até me afogar  
Mas a chama desse fogo é grande  
A verdade desse sonho é muita  
O caminho a seguir é tanto  
O desejo de chegar é mais*

*Por isso eu não deixo de caminhar  
Eu não deixo de procurar*

*Eu sei que a correnteza é forte  
Mas a água que te molha é santa  
Se a alma que navega é muita  
A estrela iluminará”.*

*Letra da música Kianda, de Sérgio Pererê*

## RESUMO

A fala não transmite apenas o conteúdo estritamente linguístico das sentenças, mas também a expressão de atitudes e emoções do falante. Nesse contexto, a prosódia desempenha um importante papel, que pode resultar na adição de informação ao conteúdo linguístico e/ou sua modificação. Algumas medidas envolvendo os parâmetros de frequência, intensidade e duração constituem importantes pistas prosódicas na expressão de atitudes na fala. O presente estudo teve como objetivo analisar como os parâmetros prosódicos se comportam na expressão da atitude de ironia. Para tanto, foram selecionados 9 estudantes de artes cênicas em final de curso, sendo todos do sexo masculino, residentes em Belo Horizonte, com faixa etária variando entre 18 e 35 anos. Cada informante foi orientado a emitir enunciados expressando a atitude de ironia. A emissão desses enunciados foi realizada a partir de 15 situações cuidadosamente pensadas, para que os informantes sentissem a necessidade de expressar a atitude de ironia. Além da atitude, os informantes também foram solicitados a gravar a leitura das situações, a ser usada como referência para análise. A coleta dos dados e a análise acústica foram realizadas no programa PRAAT®, versão 5.1.31. Foram analisados parâmetros prosódicos envolvendo frequência, intensidade e duração. As medidas foram realizadas no nível do enunciado, da vogal tônica saliente e das interjeições. Para a análise estatística foi empregado o teste t, além da montagem do Intervalo de Confiança (IC) para cada parâmetro avaliado. Os resultados revelaram que, na grande maioria dos parâmetros analisados, houve valores mais elevados para a atitude de ironia se comparada à leitura. A atitude de ironia é caracterizada por frequência fundamental ( $F_0$ ) final mais elevada em relação à leitura, enquanto que para  $F_0$  inicial não houve diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura. A  $F_0$  máxima e amplitude melódica (AM) da vogal tônica saliente foram maiores na atitude de ironia do que na leitura, e a  $F_0$  mínima da tônica foi maior na leitura. A duração tanto ao nível do enunciado quanto na vogal tônica saliente apresentaram valores mais elevados na atitude de ironia. A análise das interjeições nos enunciados apontou que houve valores mais elevados na ironia para os parâmetros de intensidade mínima, variação de intensidade,  $F_0$  mínima e tessitura da interjeição, mas, para a duração, a intensidade máxima, a variação de intensidade, a  $F_0$  máxima e a  $F_0$  média da interjeição não houve diferença estatisticamente significativa. Diante



do exposto, podemos concluir que os aspectos prosódicos apresentaram influência na expressão da atitude de ironia. Do mesmo modo, percebemos que, além da entonação, parâmetros como a duração e a intensidade exerceram influência na expressão da atitude estudada.

Palavras-chave: Atitude; Acústica da fala; Comunicação; Fala; Prosódia; Ironia; Linguística.

## ABSTRACT

The speech not only conveys strictly linguistic content of the sentences, but also the expression of attitudes and emotions of the speaker. In this context, prosody plays an important role, which may result in adding information to the linguistic content and / or its modification. Some measures involving the parameters frequency, intensity and duration prosodic cues are important in the expression of attitudes in speech. The present study aimed to analyze how the parameters behave in prosodic expression of the attitude of irony. To this end, we selected 9 students of performing arts at the end of the course, all male residents in the city of Belo Horizonte, with ages ranging from 18 to 35 years. Each informant was instructed to issue statements expressing the attitude of irony. The issuance of these statements was held from 15 carefully designed situations, so that the respondents felt the need to express the attitude of irony. Besides the attitude, the informants were also asked to record the reading of the situation, to be used as a reference for analysis. Data collection and analysis were performed on acoustic PRAAT ® program, version 5.1.31. We analyzed the prosodic involving frequency, intensity and duration. The measurements were performed at the utterance of the accented vowel salient and interjections. For statistical analysis t test was used in addition to the assembly of the confidence interval for each parameter evaluated. The results revealed that the vast majority of parameters analyzed were higher values for the attitude of irony compared to reading. The attitude of irony is characterized by fundamental frequency ( $F_0$ ) end higher in relation to reading, while for the initial  $F_0$  no statistically significant difference between irony and reading. The  $F_0$  maximum and melodic breadth (AM) of the vowel of the accented vowel were more prominent in the attitude of irony than in reading and minimum  $F_0$  tone was higher in reading. The duration at both the statement and in the accented vowel prominent at higher levels in the attitude of irony. The analysis of interjections in the statements indicated that there was irony in the higher values for the parameters of minimum intensity, intensity variation,  $F_0$  minimum and texture of the interjection, but for the duration, maximum intensity, the variation of intensity,  $F_0$  maximum interjection and  $F_0$  mean difference was not statistically significant. Given the above, we conclude that the prosodic aspects had an influence on the expression of the attitude of irony. Similarly, we find that, in addition to intonation,

parameters such as duration and intensity had an influence on the expression of the attitude studied.

Keywords: Attitude; Acoustics Speech; Communication; Speech; Prosody; Irony; Linguistics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Fórmula usada para o cálculo da normalização de $F_0$ de Hz para semitons .....	36
FIGURA 2 – Janela do PRAAT® para obtenção dos valores em semitons .....	37
FIGURA 3 – Janela do PRAAT® mostrando a variação de frequência na leitura .....	64
FIGURA 4 – Janela do PRAAT® mostrando a variação de frequência na ironia .....	64
FIGURA 5 – Janela do PRAAT® mostrando a duração da interjeição e do enunciado lido.....	76
FIGURA 6 – Janela do PRAAT® mostrando a duração da interjeição e do enunciado irônico.....	76
GRÁFICO 1 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as $F_0$ inicial do enunciado na expressão da ironia e na leitura.....	54
GRÁFICO 2 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as $F_0$ final do enunciado na expressão da ironia e na leitura.....	55
GRÁFICO 3 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as $F_0$ máxima do enunciado na expressão da ironia e na leitura.....	55
GRÁFICO 4 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as $F_0$ mínima do enunciado na expressão da ironia e na leitura.....	56
GRÁFICO 5 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	57
GRÁFICO 6 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	57
GRÁFICO 7 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	58
GRÁFICO 8 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	58
GRÁFICO 9 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	59
GRÁFICO 10 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	59
GRÁFICO 11 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	60
GRÁFICO 12 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	60
GRÁFICO 13 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	61
GRÁFICO 14 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	61
GRÁFICO 15 – Localização da $F_0$ máxima e da $F_0$ mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes .....	62

GRÁFICO 16 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as $F_0$ média do enunciado na expressão da ironia e na leitura.....	62
GRÁFICO 17 – Representação dos intervalos de confiança estimados para tessitura do enunciado na expressão da ironia e na leitura.....	63
GRÁFICO 18 – Representação dos intervalos de confiança estimados para $F_0$ máxima da sílaba tônica saliente na expressão da ironia e na leitura.....	66
GRÁFICO 19 – Representação dos intervalos de confiança estimados para $F_0$ mínima da tônica saliente na expressão da ironia e na leitura.....	67
GRÁFICO 20 – Representação dos intervalos de confiança estimados para Amplitude melódica da tônica saliente na expressão da ironia e na leitura.....	67
GRÁFICO 21 – Representação dos intervalos de confiança estimados para a taxa de velocidade da variação melódica na expressão da ironia e na leitura.....	68
GRÁFICO 22 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de duração (em segundos) na expressão da ironia e na leitura.....	69
GRÁFICO 23 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de duração (em segundos) na expressão da ironia e na leitura.....	69
GRÁFICO 24 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de intensidade máxima (em dB) na expressão da ironia e na leitura.....	71
GRÁFICO 25 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de intensidade mínima (em dB) na expressão da ironia e na leitura.....	72
GRÁFICO 26 – Representação dos intervalos de confiança estimados para a variação de intensidade (em dB) na expressão da ironia e na leitura.....	73
GRÁFICO 27 – Incidência de $F_0$ nas interjeições.....	74
GRÁFICO 28 – Incidência de $F_0$ nas interjeições.....	74
GRÁFICO 29 – Incidência de $F_0$ nas interjeições.....	75
GRÁFICO 30 – Incidência de $F_0$ nas interjeições.....	75

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Mediana e desvio padrão da duração do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	45
TABELA 2 – Mediana e desvio padrão da duração da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura.....	46
TABELA 3 – Mediana e desvio padrão da intensidade máxima por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura.....	47
TABELA 4 – Mediana e desvio padrão da intensidade mínima por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura.....	47
TABELA 5 – Mediana e desvio padrão da variação de intensidade por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	48
TABELA 6 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ inicial por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	48
TABELA 7 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ final por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	49
TABELA 8 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ média por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	49
TABELA 9 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ máxima do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	50
TABELA 10 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ mínima do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	50
TABELA 11 – Mediana e desvio padrão da tessitura do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	51
TABELA 12 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ máxima da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura.....	51
TABELA 13 – Mediana e desvio padrão da $F_0$ mínima da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura.....	52
TABELA 14 – Mediana e desvio padrão da amplitude melódica da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	52
TABELA 15 – Mediana e desvio padrão da taxa de velocidade de variação melódica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura .....	53
TABELA 16 –Valores de $F_0$ inicial, $F_0$ final, $F_0$ média, $F_0$ máxima, $F_0$ mínima e tessitura do enunciado .....	54
TABELA 17 – Média, desvio padrão e significância da comparação da tônica entre ironia e leitura .....	65
TABELA 18 – Média, desvio padrão e significância da comparação entre ironia e leitura .....	68
TABELA 19 – Média, desvio padrão e significância da comparação entre ironia e leitura .....	71
TABELA 20 – Variáveis das interjeições na expressão da ironia e na leitura.....	73

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**AM:** Amplitude Melódica

**dB:** decibel

**FALE:** Faculdade de Letras

**F<sub>0</sub>:** Frequência fundamental

**FIG:** figura

**GRAF:** gráfico

**IC:** Intervalo de Confiança

**Hz:** Hertz

**Labfon:** Laboratório de Fonética

**s:** segundos

**st:** Semitons

**TAB:** Tabela

**TVVM:** Taxa de Velocidade de Variação Melódica

**UFMG:** Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 Prosódia .....	19
2.2 Entonação .....	21
2.3 Atitudes .....	23
2.4 Ironia .....	25
2.4.1 <i>Definições de ironia</i> .....	25
2.4.2 <i>Discutindo o conceito de ironia</i> .....	26
3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS .....	33
3.1 Criação das situações de ironia .....	33
3.2 Normalização da $F_0$ .....	35
4. METODOLOGIA .....	39
4.1 Informantes.....	39
4.1.1 Corpus.....	39
4.1.2 <i>Exemplos de situações</i> .....	40
4.2 Coleta de dados .....	41
4.3 Análise acústica .....	42
4.3.1 <i>Análises no nível do enunciado</i> .....	42
4.3.2 <i>Análises da sílaba tônica saliente</i> .....	43
4.3.3 <i>Análise das interjeições</i> .....	43
4.4 Resultados e discussão .....	44
4.5 Análise por informante.....	44
4.5.1 <i>Medidas de duração do enunciado</i> .....	45
4.5.2 <i>Medidas de duração da tônica</i> .....	45
4.5.3 <i>Medidas de intensidade</i> .....	46
4.5.4 <i>Medidas de frequência</i> .....	48
4.6 Análise do enunciado.....	53
4.6.1 <i>Medidas de <math>F_0</math></i> .....	53
4.6.2 <i>Medidas de <math>F_0</math> da tônica saliente</i> .....	65
4.6.3 <i>Medidas de duração</i> .....	68
4.6.4 <i>Medidas de intensidade</i> .....	70
4.6.5 <i>Análises das interjeições</i> .....	73
5. CONCLUSÃO .....	77



<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>84</b>
<b>ANEXO B – Situações de ironia .....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO C – Instruções.....</b>	<b>90</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A fala não transmite apenas o conteúdo estritamente linguístico das sentenças, mas também a expressão de atitudes, estados emocionais e, até mesmo, características da personalidade do falante (MOZZICONACCI; HERMES, 1997; CHEANG; PELL, 2008). Essa potencialidade da fala mostra a importância da prosódia no processo de comunicação, o que pode resultar na adição de informação ao conteúdo linguístico e/ou em sua modificação.

Vários estudiosos discutem a influência da prosódia na expressão de atitudes e emoções, entre eles podemos citar Pike (1945), Crystal (1969), Halliday (1970), Couper-Kulhen (1986), Fónagy (1993), Moziconnaci; Hermes (1997) e Wichmann (2002).

Alguns autores acreditam que aspectos relacionados principalmente à curva de frequência fundamental ( $F_0$ ) influenciam na percepção de determinadas atitudes, fazendo com que sejam percebidas mesmo fora de um contexto determinado.

No Brasil, estudos na área da prosódia vêm sendo realizados por Alves (2002), Queiroz (2004), Viola e Madureira (2008), Moraes (2008), entre outros. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mais precisamente no Laboratório de Fonética (Labfon) da Faculdade de Letras, Reis (2001, 2005) colaborou nos trabalhos de Antunes (2007), Azevedo (2007), Silva (2008), Celeste (2010), Oliveira (2011) e Vasconcelos (2011). Esses estudos tiveram como objetivo compreender melhor os aspectos prosódicos na expressão de determinadas atitudes na língua portuguesa.

Neste estudo, além de discursarmos sobre a prosódia e seu papel na fala, analisaremos também o conceito, os parâmetros e as formas de expressão da ironia no processo comunicativo. Vale lembrar que a ironia será abordada, aqui, como uma atitude.

Para Azevedo (2007, p.31), estudos dessa natureza podem ampliar “nossa própria compreensão sobre o papel e o emprego dos aspectos prosódicos na comunicação”,

além de contribuírem “tanto para a área da prosódia, mostrando como ela atua na expressividade, quanto para a área pragmático/discursiva, mostrando o papel da prosódia na construção do significado na interação verbal”.

Aubergé, Grépillat e Rilliard (1997), citados por Antunes (2007), estudaram frases com diferentes atitudes, mas sem fazer distinção entre atitude e modalidade. Eles cortaram diversas frases e apresentaram aos ouvintes seus fragmentos, compostos por apenas duas sílabas, depois por três, e assim sucessivamente, até a apresentação de toda a frase. Os resultados mostraram que, mesmo por meio dos fragmentos de frases apenas, os ouvintes foram capazes de reconhecer atitudes. Com isso, eles concluíram que em toda frase há pistas de como a prosódia codifica as atitudes.

No entanto, os autores observaram que, para ironia, suspeita e questão incrédula, são necessários mais estudos e uma melhor definição de tais atitudes, porque, entre o grupo de atitudes estudado, essas foram as menos reconhecidas pelos ouvintes.

Considerando que a comunicação é o objeto de estudo da Fonoaudiologia, sendo a prática clínica diária realizada com pacientes/clientes que querem melhorar a comunicação e, em muitos casos, a dificuldade na expressão das ideias, fiquei bastante interessada no estudo da prosódia na expressão de atitudes.

Em vista disso, este estudo busca compreender o modo pelo qual os parâmetros prosódicos se comportam para expressar as atitudes, principalmente a ironia, o que poderá contribuir para estudos tanto da área da Linguística como da Fonoaudiologia, no que se refere ao aperfeiçoamento comunicativo de profissionais da voz e da comunicação, como os informantes deste estudo.

Além disso, analisar os parâmetros, como a frequência fundamental ( $F_0$ ), a intensidade e a duração em contextos específicos de ironia poderá colaborar para o desenvolvimento do estudo dos aspectos prosódicos e da expressão de atitudes.

Acredita-se que a variação da melodia e a influência de outros aspectos prosódicos sejam determinantes para a expressão de atitudes, possibilitando ao ouvinte interpretar a intenção contida no enunciado.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Prosódia

O termo “prosódia” é utilizado amplamente na literatura. No entanto, o que se observa é que não existe um consenso entre os autores quanto à melhor definição do termo, bem como quanto à sua distinção do termo “entonação”. Assim, esta seção apresentará as concepções de “prosódia” propostas por alguns estudiosos do assunto.

A prosódia constitui um dos níveis linguísticos que pode apontar para a atitude na fala de um indivíduo, e tem sido utilizada para englobar fenômenos suprasegmentais, como entonação, ritmo, velocidade de fala e qualidade de voz (DOROW, 2002).

Conforme aponta Cagliari (1993, p.49 apud DOROW, 2002), os enunciados são sinalizados pela prosódia, que coloca em destaque certos elementos e diminui o valor interpretativo de outros. A prosódia, portanto, visa sempre a um determinado fim no discurso: salientar ou diminuir o valor de algo no texto.

Para Crystal (1969), a prosódia refere-se aos efeitos vocais, constituídos por variações ao longo dos parâmetros de altura, intensidade, duração e pausa. Segundo o autor, os traços prosódicos da linguagem abrangem os segmentos fonéticos dos enunciados, incluindo, além de duração e pausa, o ritmo, o acento enfático e a entonação.

Crystal (1969) também faz uma diferenciação entre o que é prosódico e o que é paralinguístico, sendo este último o resultado de mecanismos fisiológicos ligados diretamente às cordas vocais, ou o resultado do funcionamento das cavidades faríngea, oral ou nasal. O autor explica que os traços prosódicos da língua abrangem os segmentos fonéticos dos enunciados, que incluem tanto a duração e o silêncio quanto o ritmo, o acento e a entonação. Já os aspectos não linguísticos envolvem os reflexos fisiológicos, como a tosse e o espirro.

Lehiste (1970) define os parâmetros prosódicos como aqueles que promovem contraste ao longo do tempo, sendo seu domínio mínimo a sílaba. O autor considera que a prosódia encontra-se inserida no nível suprasegmental, ou seja, quando os aspectos prosódicos vão além do segmento.

Laver (1994) pontua que existem elementos não segmentais, como a melodia, a intensidade, a duração e a articulação. Ele denomina esses elementos como suprasegmentais, mas, diferentemente de Crystal (1969), considera que o termo prosódico relaciona-se apenas à melodia e à intensidade. Entretanto, ambos autores fazem oposição aos fatos fônicos que se limitam ao segmento, e aos fatos que se organizam além do nível da palavra (SILVA, 2008).

De acordo com t'Hart, Collier e Cohen (1990), quando a fala é produzida, o falante não apenas articula uma sequência de sons, mas controla, simultaneamente, outros traços vocais, como a intensidade, a duração, a melodia, a qualidade vocal etc. Para esses autores, tais traços vocais não são responsáveis pela produção de diferentes sons da fala, mas constituem uma camada suprasegmental ou prosódica. Assim, a prosódia adiciona uma dimensão expressiva ao processo comunicativo. Pela modificação de traços prosódicos, o falante pode completar sua expressão com elementos do significado que não estão explicitamente contidos no léxico e na sintaxe (t'HART; COLLIER; COHEN, 1990).

Mozziconacci e Hermes (1997) afirmam que as pistas prosódicas fornecidas durante a comunicação são utilizadas pelos falantes e ouvintes para expressar e decodificar a mensagem transmitida. Assim, a fala transmite algo além das palavras utilizadas, e esses elementos que se encontram além do nível segmental são importantes para a compreensão adequada do que foi dito.

Pike (1945) considera que a entonação se ocupa particularmente das variações melódicas que são expressas pelas variações da  $F_0$ , tendo em vista seu importante papel na manifestação da prosódia, que pode resultar em uma informação adicional ao componente linguístico ou modificá-lo. Crystal (1969) destaca que uma mudança na curva melódica é capaz de modificar o significado linguístico da mensagem.

Segundo Tench (1990), a partir do desenvolvimento dos conceitos de função comunicativa e função discursiva, o estudo prosódico deu um grande salto, principalmente em relação à função expressiva ou atitudinal. A prosódia tem a chave da transmissão de mensagens afetivas e de atitudes, o que é fundamental para a interação entre o falante e o ouvinte.

## **2.2 Entonação**

A entonação é um dos aspectos prosódicos mais estudados e tem um importante papel a desempenhar na expressão de emoções e atitudes. É um fenômeno de interesse não apenas para os linguistas, mas para todos os profissionais que trabalham com a comunicação, para os quais o “colorido” de um enunciado é tão importante quanto o seu conteúdo (BOLINGER, 1986).

Pike (1945) destaca que a entonação é utilizada como recurso na comunicação, já que pode modificar o significado lexical de uma palavra. Ela pode ser definida como uma caracterização abstrata do conjunto de mudanças melódicas de uma sentença (contorno melódico), que tendem a ser padronizadas por falantes de uma língua, sendo estes usuários de uma sequência melódica básica de maneira parecida em circunstâncias parecidas (PIKE, 1945).

Ao abordar a definição de entonação, Reis (1984) lembra que o conceito desse termo deve ser analisado levando-se em consideração a seguinte diferença: em sentido amplo, a entonação está na inter-relação de um complexo de traços de diferentes sistemas prosódicos, como tom, intervalo melódico, força, ritmicidade e organização temporal; em sentido estrito, a entonação relaciona-se a contrastes de gradientes, devido à variação melódica.

Para Thorsen (1982, p.89), a estrutura básica da entonação seria a sequência de um grupo acentual maior do que o contorno entonativo. Assim, o contorno entonativo seria uma tendência derivada dos movimentos das diferentes sílabas acentuadas (movimento retilíneo em sentenças curtas de até 4 sílabas acentuadas). Já o grupo acentual prosódico, seria constituído pela sílaba acentuada à sílaba seguinte do mesmo contorno entonativo. O autor pontua que os padrões do grupo acentual são

estáveis, isto é, qualitativamente invariantes: sílaba acentuada baixa, seguida da primeira postônica e caindo gradativamente a partir do final desta.

Para Thorsen (1982, p.89) propõe uma estrutura hierarquizada para a entonação de sentenças curtas em dinamarquês (declarativas e entonativas) – os padrões qualitativamente invariantes dos grupos acentuais, locais, são sobrepostos ao contorno entonativo, global, que varia lentamente. Assim, a indicação da função terminal *versus* não terminal da sentença é dada pelo contorno entonativo, global.

O autor afirma, ainda, que a entonação, em interação com os marcadores léxico-sintáticos, tem papel na determinação da força ilocucional, no ato de fala. Ele explica que a entoação expressiva (*affective use of intonation*) ocorre em enunciados que aparecem com uma proeminência extra, isto é, com graus de acento acima do acento não marcado; em enunciados que, para a sua produção e interpretação, dependem de contextos textuais ou situacionais específicos. Vale lembrar que o autor examinou apenas entonações claramente neutras em sentenças simples.

Liberman e Pierrehumbert (1984), por sua vez, descrevem 4 fatores na descrição da entonação do inglês: padrão melódico (*tune*): tipo de contorno entonativo; proeminência: grau de acento ou ênfase (local); declinação: tendência de variação descendente da curva melódica ao longo da sentença; e declinação e tessitura (*pitch range*): escolhas de parâmetros de escala melódica, cujo domínio mínimo é o sintagma (global).

Liberman e Pierrehumbert, (1984) ressaltam que o status desses parâmetros varia de acordo com as teorias: o padrão melódico está mais relacionado à descrição linguística, e os outros – proeminência, declinação e tessitura – são considerados fatores paralinguísticos. Desse modo, esses fatores não podem ser tratados isoladamente.

Já o contorno entonativo é composto de elementos associados ao texto, e compreendem os acentos melódicos (*pitch accents*), marcados nas sílabas tônicas (mas não necessariamente em todas), e os traços tonais, associados ao final do sintagma entonativo (LIBERMAN; PIERREHUMBERT, 1984).



A entonação na expressão das atitudes tem grande influência e importância. Mozziconacci e Hermes (1997) avaliam que uma pequena variação na  $F_0$  tem tanta importância na expressão de atitudes quanto variações globais na entonação. Por outro lado, Lieberman e Michaels (1962) acreditam que a  $F_0$  é muito importante, mas sozinha não transmite todo o conteúdo emocional do enunciado. Já para Cahn (1990), além da  $F_0$ , a duração é um parâmetro que também deve ser analisada na expressão de atitudes.

Azevedo (2007) pontua que a intensidade vocal pode variar de acordo com a atitude empregada. Assim, além do parâmetro de  $F_0$ , é importante ressaltarmos o comportamento da intensidade na expressão de atitudes.

### **2.3 Atitudes**

Conforme relatado anteriormente, por meio da fala, transmitimos nossas emoções e atitudes, o que evidencia a importância da prosódia no processo de comunicação. Sendo a comunicação o objeto de estudo da Fonoaudiologia, essa particularidade da expressão de atitudes por meio da prosódia desperta grande interesse no assunto e, por isso, será o foco principal deste trabalho.

O estudo das atitudes poderá contribuir para uma maior compreensão sobre como os parâmetros prosódicos se comportam para expressar determinadas atitudes, o que poderá contribuir para a Linguística e também para a Fonoaudiologia, no que se refere ao aperfeiçoamento comunicativo de profissionais da voz, como os atores, informantes do presente estudo.

A definição de atitude tem sido muito discutida na literatura, apresentando variações de acordo com determinados autores. A principal questão discutida em relação ao termo refere-se à diferenciação entre atitude e emoção, uma vez que alguns autores consideram os dois termos como sinônimos (WICHMANN, 2002; MOZZICONACCI; HERMES, 1997; MOZZICONACCI, 2000).

Bolinger (1986) ressalta a dificuldade em separar as emoções dos atos do discurso e da entonação. Ele explica que diferentes melodias podem modificar o sentido das frases, e que a entonação é amplamente usada para expressar os significados. O autor considera que o contorno melódico, a entonação, as atitudes e as emoções são partes indispensáveis do discurso.

Fónagy (1993), por sua vez, distingue atitudes de emoções: atitudes são comportamentos controlados e conscientes, visto que são constituídos de componentes intelectuais e morais; e emoções são manifestações psíquicas do indivíduo e advêm da pulsão.

Para Morlec, Bailly e Aubergé (2001), as atitudes são representações de um determinado comportamento, sendo, portanto, expressões controladas pelo falante, por meio das quais este informa o seu ponto de vista.

Para Antunes (2005), as atitudes são expressões convencionadas (dependentes do sistema linguístico e, portanto, aprendidas) e controladas pelo falante (voluntárias, intencionais e motivadas). As atitudes indicam o ponto de vista do falante e dá pistas sobre o seu comportamento.

Como se vê, a discussão acerca do termo atitude é muito complexa e, apesar de alguns autores buscarem a diferenciação entre atitude e emoção, muitas vezes, esses conceitos se misturam, não sendo muito bem definida a distinção entre eles.

Neste estudo, adotaremos a definição de atitude proposta por Couper-Kuhlen (1986), para quem as emoções são externalizações de estados emocionais não monitorados, sendo puramente fisiológicos, e as atitudes são expressões cognitivamente monitoradas, convencionadas e com um propósito comunicativo. Da mesma forma, Fónagy (1993) considera atitude como um comportamento controlado e determinado conscientemente, ao contrário da emoção, que foge ao controle do locutor. Ironia, dúvida, certeza e reprovação seriam atitudes; enquanto que alegria, tristeza e angústia seriam emoções.

## 2.4 Ironia

Conforme mencionado anteriormente, este trabalho tem como objetivo analisar os aspectos prosódicos na expressão da ironia. Para tanto, faz-se necessária uma compreensão inicial acerca de tal atitude.

Não existe apenas uma definição unívoca do que seja ironia. Muito frequentemente, fala-se em ironia sem se especificar o seu sentido. O termo, muitas vezes, assume uma acepção que não condiz com o sentido que realmente evoca. Em vista disso, são apresentadas, a seguir, algumas definições de ironia, a fim de elucidar os pressupostos teóricos sobre os quais o presente trabalho está embasado.

### 2.4.1 Definições de ironia

O termo ironia tem origem no grego *eironeia*, que significa interrogação. Já no latim, de acordo com a retórica clássica, a ironia é um tropo, ou seja, refere-se a enunciados com significados figurativos, que se relacionam com seus significados literais.

Segundo Nascentes (1955), a ironia consistia em um processo de ensino empregado por Sócrates para arguir seus alunos. Por haver, talvez, sarcasmo nessas perguntas, o termo adquiriu, na Retórica, o sentido de “expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer” (CUNHA, 1999, p.446). Tal definição corrobora com a definição de Cheang e Pell (2008), que classificam a ironia como uma expressão em que o significado pretendido das palavras é diferente ou oposto de seu sentido usual.

Para Chierchia (2003), a ironia pode ser explicada em termos de implicatura. Há um significado gramatical e um significado mais amplo do que efetivamente é dito. De acordo com Duarte (2006), o conceito de ironia é mais comumente apresentado como figura de retórica, na qual se diz o contrário daquilo que se disse, o que implica o reconhecimento de uma potencialidade de mentira implícita na linguagem.

Sperber e Wilson (1995) se opõem à definição clássica de ironia como aquela em que se diz uma coisa significando outra. Para eles, existem vários exemplos de

ironia que não se enquadram nessa definição e consideram que a mais típica das ironias é a chamada ecoica, que tem como principal objetivo ridicularizar a opinião de quem ela ecoa. Assim, para que algo seja irônico, é necessário fazer ecoar a opinião do orador ou de um terceiro. A atitude expressa por uma elocução irônica é invariavelmente a de uma espécie de rejeição ou de desaprovação.

#### **2.4.2 *Discutindo o conceito de ironia***

Discursar sobre ironia não é uma tarefa fácil. Existem diversas formas de ironia, isto é, diferentes efeitos produzidos por enunciados particulares e parentescos percebidos entre esses efeitos. Assim, é preciso conceber dispositivos psicológicos capazes de explicar esses efeitos e esses parentescos. De acordo com Gibbs e Colston (2007), um dos maiores desafios para a pesquisa da ironia é a descoberta das várias formas em que ela pode ser usada no discurso.

Muecke (1978) destaca o quanto é difícil conceituar a ironia, pois os pontos de contato existentes entre suas diversas formas tornam possível defini-la de muitos ângulos diferentes. Conforme a perspectiva, tem-se a ironia como trágica, cômica, filosófica, prática, dramática, verbal, socrática, romântica, bem como do destino, do acaso, de modo, de situação, de caráter e também a autoironia. Além disso, a ironia está também relacionada ao efeito, meio, técnica, função, objeto, praticante, tom ou atitude.

A ironia é normalmente ambígua, indireta e implícita. Alguns estudiosos afirmam que o significado implícito negligencia o literal; outros, que o dito e o não dito coexistem: o sentido irônico não é simplesmente o sentido não dito e o não dito nem sempre é uma simples inversão ou o oposto do dito (HUTCHEON, 1994). Assim, um bom exemplo de um enunciado que é simultaneamente literal e irônico, é: “ele não é um exemplo de beleza”, para se referir a uma pessoa considerada feia (GIORA et al., 2005).

A ironia pode ser veiculada, como vimos, como ambiguidade. É dito “a”, que pode ser “b”, mas que pode ser “a” também. Ao dizer “a” para significar “b”, apelando-se ao “álibi” de que disse somente “a” e não “b”, produzimos uma situação em que o

ouvinte é envolvido por um paradoxo. O emissor está sendo ambíguo ao dizer “a” e seu oposto “b” em um mesmo enunciado. A ironia, quando inclinada para a ambiguidade de sua enunciação e semeada em um terreno de interação pessoal propício para tal, tem o poder de gerar paradoxos. Se o ouvinte é captado pelo jogo do ironista, ou, se o ironista nunca responde suficientemente aos pedidos de seu interlocutor para que seja mais claro e que não se utilize de ironias, há elementos para que o jogo irônico seja estabelecido (FACIOLLI, 2003).

Para Sperber e Wilson (1978), a ironia não envolve um desvio de uma norma ou uma transgressão a uma regra, convenção ou máxima. Kerbrat-Orecchioni (1986) ressalta que a ironia não pode ser classificada como um discurso mentiroso, pois não há da parte do emissor nenhuma intenção de mentir, ao mesmo tempo em que não são enganados nem quem fala/escreve, nem quem ouve/lê. Oliveira (2006), por sua vez, admite que a ironia surge quando se assume uma atitude crítica em relação a algum objeto ou fenômeno.

Charaudeau (2004) considera que o emprego do sentido irônico não suspende a máxima da veracidade do Princípio de Cooperação de Grice, que é uma das máximas mais questionáveis sobre a comunicação humana. Uma máxima é uma obrigação moral de seguir uma regra de conduta, uma reivindicação moral universal que está se tornando preceito e princípio da vida. Uma máxima é, portanto, parte de um princípio fundador.

A ironia não suspende a máxima da veracidade, porque todo o jogo da comunicação humana é precisamente para brincar com o possível, o provável, o saber, o não saber, o dizer e o não dizer. A ironia é, portanto, uma estratégia discursiva como de persuasão e sedução entre as pessoas que se comunicam (CHARAUDEAU, 2006).

Sperber e Wilson (1978) afirmam que, quando se quer que se entenda algo diferente de um dos sentidos literais, a noção de sentido figurado prevalece, mas os problemas que essa noção pode ocasionar parecem impostos pelos próprios fatos. Ao anunciarem a distinção intuitiva entre os tipos de operação de um enunciado, os autores referem-se à oposição existente na filosofia lógica entre emprego e menção. Assim, a concepção da ironia como menção permite prever qual ironia terá um eco

determinado e, se for o caso, qual será o alvo. Quando o eco é longínquo e vago, a ironia não apontará para um alvo determinado; inversamente, quando o eco é próximo e preciso, as pessoas às quais se faz eco constituirão o alvo. Assim, quando o narrador faz eco a si mesmo, há autoironia; quando o narrador faz eco ao narratário, há sarcasmo.

Relacionados à ironia estão o sarcasmo e o humor, podendo-se notar um aspecto trocista que, no entanto, não está igualmente presente nos vários tipos de ironia. Além disso, a ironia, muitas vezes, é considerada como sendo bem humorada, mas, como muitos estudiosos do assunto afirmam, não precisa ser divertida. Hartung (1998) argumenta que, se a ironia é uma forma de expressão e um dos seus efeitos pode ser de diversão, tal efeito depende do potencial cômico do enunciado e do contexto para a realização.

Dentre as várias formas de ironia, o sarcasmo é considerado a mais típica, negativa e agressiva (BARBE, 1995:28; GIBBS, 2000). Norrick (1993) afirma que o sarcasmo apresenta um elevado grau de agressão em direção ao ouvinte. Gibbs (2000), por sua vez, observou que o sarcasmo é caracterizado por uma contradição entre o nível verbal e o não verbal.

Cheang e Pell (2008) desenvolveram um estudo com o objetivo de identificar os possíveis correlatos acústicos do sarcasmo. Nesse estudo, falantes nativos do inglês produziram enunciados simples transmitindo quatro diferentes atitudes: sarcasmo, humor, sinceridade e neutralidade. Os parâmetros acústicos analisados envolveram a  $F_0$  (média, desvio padrão e intervalo), média de amplitude, faixa de amplitude, velocidade de fala e proporção harmônico-ruído. Os resultados das análises indicaram que o sarcasmo é caracterizado por uma série de pistas prosódicas, embora uma característica acústica tenha sido identificada de forma mais robusta nos enunciados sarcásticos, relacionada à redução global na média de  $F_0$  relativa a todas as outras atitudes-alvo. O sarcasmo também foi difícil de ser diferenciado da sinceridade, por causa da redução global da proporção harmônico-ruído e desvio padrão da  $F_0$ , medidas que indicam melhor qualidade vocal e estabilidade de  $F_0$  nessas atitudes. Os autores concluíram que o sarcasmo na fala pode ser caracterizado por um padrão específico de pistas prosódicas, além de pistas

textuais, e que essas características acústicas podem ser influenciadas pela língua do locutor.

Um estudo realizado por Capelli, Nakagawa, e Madden (1990), para reconhecer o sarcasmo, apontou que os adultos podem contar com pelo menos uma das duas pistas: o contexto em que o enunciado ocorre ou a entonação do falante. Dois experimentos comparando alunos da terceira série (8-9 anos), alunos da sexta série (11-12 anos) e adultos, investigou o desenvolvimento da capacidade das crianças para usar esses sinais. No primeiro, as crianças foram capazes de reconhecer o sarcasmo quando os falantes usaram entonação sarcástica, mas não conseguiram fazê-lo sem essa entonação, mesmo se o contexto indicasse fortemente uma interpretação não literal. No segundo, os indivíduos foram submetidos a diálogos com entonação que foi considerada adequada e justificada em escolhas com base em contextos que sugeriam sarcasmo ou não. A maioria das crianças novamente ficou alheia ao sarcasmo contextualmente implícito. Esses resultados sugerem que as crianças, inicialmente, dependem mais fortemente de entonação do que do contexto para reconhecer o sarcasmo.

No trabalho *Irony in political television debates*, Nuolijärvi e Tiittula (2011) estudaram a ironia em debates políticos televisivos durante a eleição à presidência finlandesa em 2006. O objetivo era analisar como a ironia é realizada na interação, como ela é construída, utilizada e tratada no contexto. Em discussão pública, embora o alvo da ironia fosse o adversário, a conversa sempre foi concebida em busca de audiência. Nos debates analisados, a ironia foi usada como meio de defesa em resposta à crítica e como um ataque. Em ambos os casos, forneceu recurso para os informantes melhorarem a sua própria posição contra seus oponentes. Na maioria das vezes, a ironia era facilmente reconhecível, mas, devido a sua ambiguidade, às vezes era difícil atribuir uma função específica para isso. Em debate encenado, essa ambiguidade é um recurso que pode ser explorado para a autoexibição positiva. O destinatário normalmente trata as declarações irônicas implicativas literalmente, o que é um meio para ironizar o ironista original, que, em sua volta, muda para o modo sério, como se não tivesse sido irônico em tudo.

Em vista disso, os autores concluíram que a ironia é um dos meios estratégicos para marcar posições, tanto daquele que fala quanto daquele a quem se fala. Conseqüentemente, a ironia e seu significado tem que ser claros o suficiente para serem bem sucedidos. A análise mostrou que enunciados irônico-implicativos são construídos de modo a serem reconhecíveis. Foram identificados como sinais importantes para ajudar o destinatário a inferir se o enunciado é ou não irônico, a entonação, a ênfase e o tom de voz, bem como os aspectos não vocais.

Ao fazer a representação da elocução de uma pessoa, ou da sabedoria popular, de um modo manifestamente cético, divertido, admirado, triunfante, aprovativo ou reprovativo, o falante pode exprimir a sua própria atitude, e a relevância de sua elocução poderá depender da expressão dessa atitude.

Muitas vezes, a atitude de quem fala é deixada implícita para ser apreendida apenas por meio do tom da voz, do contexto e de outras pistas paralinguísticas. Na ironia verbal, existe uma interpretação de segundo grau do pensamento de qualquer outra pessoa. A expressão implícita de uma atitude e a relevância de uma elocução irônica depende, pelo menos em parte, da informação que se transmite sobre a atitude da pessoa falante em relação à opinião de que faz eco (MORA, 2003).

A ironia pode ter formas e funções extremamente diversificadas, em que há pelo menos dois graus de evidência: no primeiro, o dito irônico quer ser percebido como tal, no segundo, o objetivo é manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo (como no caso da ironia *humoresque*).

Na ironia que desperta ambiguidades, parece não haver intenções de dizer algo definido. Os indícios do contexto não permitem uma avaliação definidora acerca do sentido pretendido pelo falante. Se há alguma intenção, é a de confundir ou de não se comprometer com qualquer sentido. Ao se fazer uma ironia, tem-se o deleite de produzir confusão e perplexidade. O ironista possui o profundo desejo de “esclarecer para confundir” ou de “confundir para esclarecer” (FACIOLLI, 2003).



O efeito do paradoxo, latente em toda ironia, visa à camuflagem das intenções do ironista. Nada melhor para manifestar segundas intenções do que as ironias. O ironista diz o contrário do que quer dizer. Se o outro compreende e aceita o que foi dito (o sentido latente), muito bem, o ironista consegue o que realmente queria. Se o outro compreende e rejeita, muito bem também, pois não era isso o que havia sido dito literalmente. O ironista defende-se com o “não se pode tomar o dito pelo não dito”.

Buscando expressar algo censurável, ou com ele não se comprometer, o ironista deve atentar para que o contexto não o incrimine. Assim, deve mais confundir do que definir. O primeiro e arriscado passo é o de produzir confusão, ambiguidade, correndo o risco de ser mal compreendido. Contudo, o sentido literal está lá, “documentado”, “registrado” e lhe serve como trincheira (defesa).

Como se vê, a postura inicial do ironista é uma postura de risco, de suspensão da relação com a univocidade. O ironista expõe-se à duplicidade de sentido. Há uma ambiguidade que constitui o jogo irônico. É justamente esse movimento entre sentidos diversos ou opostos que dá um toque especial à ironia.

A ironia possibilita a união de contrários. O ironista consegue dar expressão ao recalque e manifestar o aceitável, assim como o seu contrário, em uma mesma expressão. As “segundas intenções” têm acesso livre ao discurso, pois estão sendo expressas indiretamente, muitas vezes, pelo seu contrário. Essas “segundas intenções” são definidas como as formas pelas quais o recalcado encontra para ser admitido pela consciência, retornando por meio de produções do inconsciente, que podem ser expressas no sonho, no sintoma, nos atos falhos, nos trocadilhos, nos chistes e em outras formas dos ditos espirituosos, inclusive a ironia (FACIOLLI, 2003).

A comunicação irônica, para o ironista, funciona como uma formação de compromisso, expressando suas tendências opostas. Acreditar que a ironia funciona sempre como um código límpido, por meio do qual se diz o contrário do que se enuncia literalmente, não possui sustentação razoável. O dizer “a” para significar o

oposto “b” não deve restringir-se à simplicidade dessa fórmula por si só. Desse modo, como se vê, tendências opostas são conciliadas (FACIOLLI, 2003).

Diante do exposto, o presente estudo se propõe a verificar a expressão da ironia na retomada do enunciado, bem como o comportamento desse aspecto nessa atitude. Para tanto, consideraremos a definição de Sperber e Wilson (1995), para quem a ironia é constituída por interpretações ecoicas de expressões ou pensamentos.

### **3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos adotados e as alterações que precisaram ser realizadas no estudo para a definição de uma melhor metodologia para a coleta dos dados. Além disso, será apresentada a relevância desse procedimento para a análise acústica dos resultados em um estudo prosódico, além de alguns métodos de normalização, a fim de explicitar o que foi adotado neste trabalho.

#### **3.1 Criação das situações de ironia**

Diante da diversidade de expressões e formas de ironia, como vimos na definição de Muecke (1978), que relaciona uma série de dificuldades para conceituá-la, devido aos pontos de contato existentes entre as várias formas e a possibilidade de defini-la de muitos ângulos diferentes, optamos, aqui, em não nos limitar a um único tipo de ironia.

Dessa maneira, buscando nos certificar de que todos os informantes da pesquisa original interpretariam as situações como se tratando de ironia, houve a necessidade de um estudo informal preliminar. O objetivo era criar situações que fossem entendidas, por todos os informantes, como se tratando de ironia. Assim sendo, foram apresentados enunciados que julgamos ser irônicos a alguns estudantes e profissionais da saúde (ambiente de trabalho da pesquisadora), para que eles os avaliassem.

Assim, foram criadas situações com forte contexto irônico para serem avaliadas pelos informantes. A avaliação era realizada após a leitura das situações e da seguinte pergunta feita pela pesquisadora: “essa frase soou para você como sendo amigável, ríspida, irônica, de dúvida ou de incerteza?”. Quando eles se referiam ao enunciado como sendo irônico, questionava-se: “como você diria essa frase com ironia?”. A partir das respostas em que todos os informantes se referiram a um determinado enunciado como sendo irônico, foram criadas outras situações com contextos aproximados.

Essa forma de criação das situações surgiu a partir do momento em que, ao participar, indiretamente, de outros estudos sobre atitudes no Labfon, percebíamos os “problemas” na identificação dos informantes para determinadas atitudes. Ou seja, expostos às mesmas situações, indivíduos relatavam atitudes diferentes. Desse modo, observando a metodologia aplicada aos outros estudos sobre atitudes, optamos por esse estudo preliminar informal na criação das atitudes de ironia.

Vale dizer que a grande maioria dos informantes do estudo preliminar, ao reproduzir o enunciado como irônico, utilizavam as interjeições “ehhh” ou “ahhh”. Sendo assim, acrescentamos em algumas frases esse tipo de interjeição, visando a uma maior naturalidade na expressão. Outra questão importante que pôde ser solucionada com a realização desse estudo preliminar informal, diz respeito à utilização de expressão facial e gestos durante a emissão dos enunciados. Observamos que alguns informantes apresentavam maior expressão corporal na emissão dos enunciados, enquanto outros eram mais contidos, o que influenciava na qualidade da atitude produzida.

Diante das observações colhidas no estudo preliminar sobre interjeições, gestos e expressões faciais, e visando a uma maior naturalidade na expressão da ironia, acrescentamos às instruções entregues aos informantes, que, no decorrer da gravação, eles poderiam fazer gestos e expressões faciais durante a emissão dos enunciados<sup>1</sup>.

Ressalta-se que procuramos criar situações próximas às do cotidiano, para que os enunciados fossem mais próximos da fala espontânea. Além disso, os enunciados foram apresentados sem sinais de pontuação. Tal estratégia foi adotada para que o informante não fosse induzido a definir a situação a partir da pontuação apresentada, e também para que se sentisse à vontade na reprodução do enunciado, na expressão da atitude da forma que julgasse mais adequada.

---

<sup>1</sup> É preciso dizer que, por uma falha na ficha de situações, as interjeições não foram expressas como tal. Por exemplo, o enunciado “ehhhh... precisamos estudar mais o português” foi apresentado aos

### 3.2 Normalização da $F_0$

A frequência fundamental ( $F_0$ ) corresponde ao número de ciclos glóticos produzidos por segundo em determinada emissão, refletindo as características biomecânicas das pregas vocais em sua interação com a pressão subglótica.

Segundo t'Hart, Collier e Cohen (1990), a unidade de frequência recomendada internacionalmente é o Hertz (Hz), entretanto, alguns autores optam pela unidade de semitons. As razões para a escolha da unidade de semitons, ao invés de Hz, podem ser justificadas pelo maior interesse na distância entre frequências do que na frequência absoluta; pelo maior interesse em expressar a magnitude da distância independente da frequência; e pela possibilidade de comparar curvas de  $F_0$  de diferentes falantes, com diferentes extensões vocais.

Hewlett e Beck (2006) também discorrem sobre o uso de semitons. Segundo esses autores, quando é feita uma comparação entre duas frequências, ou quando um intervalo de frequência está sendo analisado, é bastante comum o uso de semitons.

Um exemplo dado por t'Hart, Collier e Cohen (1990) envolve uma voz masculina com  $F_0$  mínima de 100 Hz e  $F_0$  máxima de 150 Hz, resultando em tessitura de 50 Hz. Considera-se também uma voz feminina com  $F_0$  mínima de 180 Hz e  $F_0$  máxima de 270 Hz, refletindo em tessitura de 90 Hz. Ao serem analisados os valores de tessitura em Hz, foi observada uma diferença entre os informantes, sendo 50 Hz para a voz masculina e 90 Hz para a voz feminina.

No entanto, tendo em vista a magnitude da distância entre as frequências, independente da extensão vocal dos falantes, é preciso realizar a conversão em unidade logarítma (como os semitons), capaz de expressar o efeito satisfatoriamente. Diante disso, convertendo os valores do exemplo dado de Hz para semitons, tem-se 7,02 semitons em ambos os casos.

---

informantes como “é... precisamos estudar mais o português”. Porém, concluímos que tal falha não foi relevante, visto que a grande maioria dos informantes entenderam o “é” como um “ehhhh”.

Considerando os fatores de variabilidade de  $F_0$  e de falante para falante (dependendo da situação de fala), a influência de estados emocionais/psíquicos e as variações ao longo de um mesmo enunciado, optamos por realizar a normalização de  $F_0$ . Acreditamos que, assim, a comparação entre os diversos sujeitos se daria de forma mais adequada e fidedigna, visto que não contraporíamos valores brutos de  $F_0$ , mas sim, medidas normalizadas que anulariam ou, ao menos, reduziriam a influência individual e os efeitos paralinguísticos na comparação dos dados referentes ao parâmetro prosódico de frequência fundamental.

Para a conversão dos valores em semitons, foi utilizada a fórmula proposta por t'Hart, Collier e Cohen (1990, p.24):

$$D = 12 \left[ \log_2 \left( \frac{f_1}{f_2} \right) \right] = \frac{12}{\log_{10} 2} \left[ \log_{10} \left( \frac{f_1}{f_2} \right) \right]$$

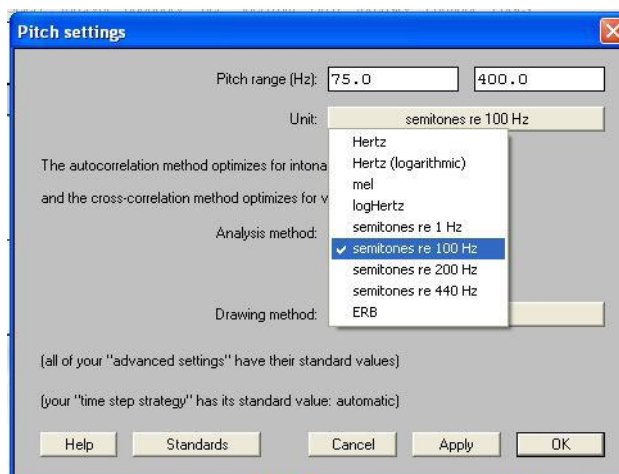
**FIGURA 1 – Fórmula usada para o cálculo da normalização de  $F_0$  de Hz para semitons**  
 Fonte: t'Hart; Collier; Cohen (1990, p.24)

De acordo com Oliveira (2001, p.50), “essa fórmula calcula a distância  $D$  (em semitons) entre duas frequências quaisquer”. Portanto, aplicamos essa fórmula para a obtenção das medidas de tessitura do enunciado e para a amplitude melódica da sílaba tônica em semitons.

A conversão dos valores de  $F_0$  em Hz para semitons é uma forma de normalização e foi adotada no presente estudo por expressar as medidas em semitons, ao invés de oitavas, e pelo fato de os semitons contemplarem intervalos menores, sendo mais sensíveis a pequenas variações na  $F_0$ .

Ressalta-se que os valores obtidos pelo *software* utilizado no estudo foram em Hz, depois, os dados foram transferidos para uma tabela do programa Excel e, então, convertidos em semitons. Portanto, todos os valores de  $F_0$  deste estudo estão em semitons.

Oliveira (2011) recorreu à normalização de  $F_0$  quando analisou as atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade em homens e mulheres falantes do português brasileiro, com o objetivo de reduzir as influências individuais sobre os resultados de valores brutos extraídos por meio da análise acústica dos dados. Em seu estudo, a autora explica que uma boa forma de obtenção do valor de  $F_0$  em semitons é extraída diretamente no *software* de análise acústica PRAAT® ou WinPitch. No PRAAT®, essa análise é realizada por meio da opção *pitch settings*, conforme observado na FIG 2. Mas, tendo em vista que as medidas do presente estudo foram obtidas em Hz, foi necessário realizar a conversão dos valores extraídos em Hz para semitons por meio da fórmula proposta por t'Hart, Collier e Cohen (1990), descrita anteriormente.



**FIGURA 2 – Janela do PRAAT® para obtenção dos valores em semitons**  
**Fonte: Oliveira (2011)**

Nota-se na FIG. 2 que a medida pode ser obtida em semitons, sendo várias as possibilidades de medidas, como 1, 100, 200 ou 440 Hz. Após a análise de alguns estudos, vimos que essas possibilidades referem-se ao valor em Hz que utilizamos como referência para obter a medida em semitons. Dessa forma, ao realizar alguns testes nas fórmulas apresentadas acima, percebemos que a fórmula para obter um valor de  $F_0$  em semitons era a mesma utilizada para a distância entre frequências (t'HART; COLLIER; COHEN, 1990). Porém, como não possuímos duas frequências, adotamos um valor como referência, que pode ser 1, 100, 200 ou 440 Hz. Diante disso, para a conversão de Hz para semitons dos parâmetros acústicos que não se referiam a um intervalo (ou distância entre frequências) – ou seja,  $F_0$  máxima,  $F_0$  mínima,  $F_0$  inicial e  $F_0$  final do enunciado,  $F_0$  máxima e mínima da vogal tônica –

optamos por adotar o valor de 100 Hz como referência para a conversão em semitons.

A escolha por esse valor de referência deve-se ao fato de que 100 Hz corresponde a um valor intermediário, com possibilidade de ocorrência tanto no sexo masculino como no feminino. Fixado esse valor de referência, é importante ressaltar que os valores de  $F_0$  absolutos abaixo de 100 Hz, quando convertidos em semitons, serão expressos em valor negativo, uma vez que é inferior ao que foi adotado como referência. Vale ressaltar que, convertendo um valor de  $F_0$  (em Hz) para semitons, como, por exemplo, a  $F_0$  máxima e a mínima do enunciado, foi possível proceder ao cálculo da tessitura simplesmente pela diferença entre o valor máximo e o mínimo ( $F_0$  máxima –  $F_0$  mínima) em semitons, não sendo necessária a aplicação da fórmula que considera a  $F_0$  máxima e mínima em Hz para a obtenção do valor em semitons.

Realizamos um teste para verificar se os valores obtidos pelas duas formas diferentes seriam os mesmos e o resultado foi satisfatório, ou seja, obtido o valor de uma  $F_0$  em semitons, é possível fazer o cálculo do intervalo entre frequências pela manipulação desse valor, como era esperado. Conforme exposto até o momento, observa-se a grande importância de se proceder à normalização dos dados de  $F_0$  em um estudo que trata da prosódia.



## **4. METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi desenvolvida visando a analisar aspectos prosódicos na expressão da atitude de ironia. Assim sendo, o projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CAAE - 0340.0.203.000-11) e todos os informantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), concordando em participar como informantes do estudo. Os dados coletados foram analisados acusticamente.

### **4.1 Informantes**

Foram selecionados 9 estudantes de artes cênicas em final de curso (7º ou 8º período), todos do sexo masculino, residentes em Belo Horizonte, com faixa etária variando entre 18 e 35 anos (média de 26,5 anos). A opção pela seleção de estudantes de artes cênicas justifica-se pelo fato de esses sujeitos possuírem experiência em se adaptar a situações imaginárias, com uma maior facilidade em abstrair e expressar as atitudes do que um falante não ator. Optou-se também por selecionar apenas um sexo (masculino), devido à escassez de estudos do tipo no português brasileiro e, assim, diminuir o número de variáveis. Não foram incluídos os sujeitos com disfonia, para não influenciar na análise, uma vez que a disfonia pode provocar perturbações nos parâmetros acústicos prosódicos, influenciando o sinal acústico e, conseqüentemente, os resultados obtidos.

#### **4.1.1 Corpus**

Cada um dos sujeitos selecionados foi orientado a emitir enunciados expressando a atitude de ironia. A emissão desses enunciados foi realizada a partir de 15 situações do cotidiano cuidadosamente pensadas (Anexo B), para que os informantes sentissem necessidade de expressar a atitude e não apenas transmitir uma informação. A atitude almejada para a realização do estudo foi expressa em apenas uma frase, sem quaisquer sinais de pontuação que expressassem ou influenciassem o informante na produção da atitude.

#### 4.1.2 Exemplos de situações

Como já dito, todas as situações foram retiradas de contextos reais, vivenciados com situações do cotidiano. Vejamos alguns exemplos:

1) “Você foi acompanhar um amigo na compra de um terno para ajudá-lo na escolha. Ele escolheu um terno que não lhe caiu bem, porém, a vendedora, no intuito de efetivar a venda diz:

– Ficou ótimo!

Você, então, olha para a vendedora e ironicamente diz:

– **Ficou ótimo”.**

2) “Uma pessoa, sem saber que você é professor de português, discute uma regra de acentuação. Você afirma a forma correta e a pessoa discorda da sua explicação dizendo:

– É, precisamos estudar mais o português.

Você, então, consciente da veracidade da sua explicação, já que é professor de português, diz a ela ironicamente:

– **É, precisamos estudar mais o português”.**

3) “Você vai se casar e pede uma sugestão a amigos de um prato para a festa, que seja sofisticado, mas barato. Então, uma moça da turma diz:

– Sirva caldo de abóbora, que é muito chique.

Porém, você sabe que caldo de abóbora não é um prato adequado para ser servido nessa ocasião. A conversa continua e ela, que também vai se casar, diz que vai pedir ao *buffet* que está organizando seu casamento, uma sugestão para o prato quente. Você, então, ironicamente diz:

– **Sirva caldo de abóbora, que é muito chique”.**

4) “Você combina com sua mãe que, no próximo dia de sol, a ajudará a lavar os tapetes da casa dizendo:

– Nada como um belo dia de sol para fazer faxina.

Mas, no dia seguinte, o sol está brilhando e seus amigos te chamam para ir ao clube. Você logo se anima para ir com eles. Sua mãe, então, lhe diz ironicamente:

– **Nada como um belo dia de sol para fazer faxina”.**

## **4.2 Coleta de dados**

Os informantes foram submetidos individualmente à gravação dos enunciados produzidos dentro de uma cabine acusticamente tratada, localizada no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG. A gravação nessa cabine visou à eliminação de possíveis ruídos que pudessem comprometer a análise.

O sinal acústico foi captado diretamente no programa PRAAT®, versão 5.1.31, utilizando um microfone de cabeça *Plantronics* digital 5.1, posicionado a 5 cm lateralmente à boca do informante.

As gravações foram realizadas em um mesmo dia para cada informante e ordenada da seguinte maneira: leitura e expressão de ironia, mas vale dizer que os informantes só tomaram conhecimento da atitude que deveriam expressar no momento da gravação.

Para a gravação da leitura, os informantes foram orientados a ler os enunciados de forma natural. Todos os 15 enunciados (lidos e expressando a atitude) foram realizados em uma única sessão. Ressalta-se que, devido ao tempo de gravação, 2 informantes não puderam esperar que fossem feitas integralmente a parte de leitura e expressão da atitude. Assim, ambos fizeram uma única parte e, por isso, foram excluídos da análise final dos dados.

Antes das gravações, os informantes receberam uma ficha contendo instruções para a gravação (Anexo C). Nessas instruções, eles eram avisados que receberiam fichas individuais contendo uma situação e que deveriam ler silenciosamente a ficha e se imaginar naquela situação. Após a leitura, eles deveriam pronunciar a frase em negrito expressando, de forma natural, a atitude solicitada. Eles também foram instruídos que, caso não gostassem da emissão de alguma de suas expressões, poderiam repeti-la da forma que julgassem mais adequada. Como dito anteriormente, foi sugerido aos informantes que utilizassem expressão facial e

gestos ao pronunciar as frases, e que as frases estavam sem pontuação para que ficassem à vontade para expressá-las da forma que achassem mais conveniente.

Após a leitura das instruções, a pesquisadora questionava o informante sobre alguma possível dúvida em relação aos procedimentos que seriam realizados, para se certificar de que ele havia compreendido todas as instruções.

### **4.3 Análise acústica**

Após a gravação, os enunciados foram editados e analisados no programa de análise acústica PRAAT®, que possibilitou a medição de parâmetros prosódicos,  $F_0$ , intensidade e duração. Para cada um desses parâmetros acústicos, foram realizadas as medidas descritas nas subseções a seguir.

#### **4.3.1 Análises no nível do enunciado**

**$F_0$  máxima e  $F_0$  mínima:** foram extraídos os valores máximo e mínimo de  $F_0$  dos enunciados por meio da seleção automática fornecida pelo próprio programa utilizado. Após a obtenção desses valores em Hz, realizamos a conversão em semitons.

**Tessitura do enunciado (em semitons):** diferença entre a  $F_0$  máxima e  $F_0$  mínima do enunciado.

**$F_0$  inicial e  $F_0$  final do enunciado:** foram extraídos o primeiro e o último ponto de  $F_0$  da curva melódica dos enunciados, tendo sido desconsiderados os 3 primeiros ciclos e os 3 últimos das vogais, respectivamente, para obterem-se os valores de  $F_0$  inicial e o  $F_0$  final. Após a obtenção desses valores em Hz, realizamos a conversão para semitons.

**Duração:** obtivemos os valores da duração total do enunciado.

**Intensidade máxima e mínima do enunciado:** foram extraídos os valores da intensidade máxima e os da intensidade mínima de cada enunciado, calculados em decibel (dB).

**Variação de intensidade do enunciado:** foi medida a variação de intensidade contida em cada um desses enunciados por meio da subtração do valor de intensidade máxima menos o valor da mínima.

#### **4.3.2 Análises da sílaba tônica saliente**

**F<sub>0</sub> máxima e F<sub>0</sub> mínima:** foram extraídos os valores máximo e mínimo de F<sub>0</sub> da sílaba tônica por meio da seleção automática fornecida pelo próprio programa utilizado. Após a obtenção desses valores em Hz, realizamos a conversão em semitons.

**Amplitude melódica (AM) da vogal tônica (em semitons):** diferença entre os valores máximo e mínimo de F<sub>0</sub> da vogal tônica.

**Duração:** obtivemos os valores da duração total da sílaba tônica do enunciado.

**Taxa de velocidade de variação melódica (TVVM) da sílaba tônica (em semitons/segundo):** diferença entre os valores máximo e mínimo da sílaba tônica divididos pela duração desta em segundos.

#### **4.3.3 Análise prosódica das interjeições**

**Duração:** obtivemos os valores da duração total da interjeição.

**Intensidade máxima e mínima da interjeição:** foram extraídos os valores da intensidade máxima e os da intensidade mínima de cada interjeição, calculados em dB.

**Variação de intensidade da interjeição:** foi medida a variação de intensidade contida em cada um desses enunciados por meio da subtração do valor de intensidade máxima menos o valor da mínima.

**F<sub>0</sub> média:** foram extraídos os valores médios de F<sub>0</sub> das interjeições por meio da seleção automática fornecida pelo próprio programa utilizado. Após a obtenção desses valores em Hz, realizamos a conversão em semitons.

**F<sub>0</sub> máxima e F<sub>0</sub> mínima:** foram extraídos os valores máximo e mínimo de F<sub>0</sub> das interjeições por meio da seleção automática fornecida pelo próprio programa utilizado. Após a obtenção desses valores em Hz, realizamos a conversão em semitons.

**Tessitura da interjeição (em semitons):** diferença entre a F<sub>0</sub> máxima e F<sub>0</sub> mínima da interjeição.

#### **4.3.4 Análise descritiva de F<sub>0</sub> máxima e F<sub>0</sub> mínima**

Para verificar em que sílaba do enunciado ocorreram a F<sub>0</sub> máxima e a F<sub>0</sub> mínima, foi realizada uma análise descritiva dos dados. Foram criados gráficos a partir da separação das sílabas de cada enunciado e também da sílaba em que incidiram a F<sub>0</sub> máxima e a F<sub>0</sub> mínima.

### **4.4 Resultados e discussão**

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos os resultados encontrados a partir da análise de cada atitude. Primeiramente, serão apresentados os resultados da comparação entre a atitude e a leitura: ironia x leitura. Ao final deste capítulo, serão apresentados os resultados da análise das interjeições.

### **4.5 Análise por informante**

Além da comparação de todos os enunciados, foi realizada uma análise por informante para cada parâmetro avaliado. Para essa análise, foi aplicado o teste não

paramétrico Mann-Whitney, devido à redução na amostra quando realizada a análise por informante. Para esse teste, também foi considerado o nível de significância de 5%. Vale ressaltar que o teste não paramétrico Mann-Whitney utiliza a mediana para a análise dos dados, diferentemente do teste t que utiliza a média. Por esse motivo, as tabelas apresentam o valor da mediana na análise por informante (teste Mann-Whitney) para cada medida acústica.

#### 4.5.1 Medidas de duração do enunciado

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de duração do enunciado, observamos que somente o informante 6 apresentou diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados. Verificamos, também, que a maioria dos informantes apresentou média de duração do enunciado maior na expressão da ironia, sendo que apenas o informante 2 apresentou em seus enunciados uma média de duração maior na leitura, conforme exposto na TAB. 1:

**TABELA 1 – Mediana e desvio padrão da duração do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	2,730	2,620	0,917
2	2,020	2,280	0,819
3	2,760	2,120	0,471
4	2,680	2,400	0,184
5	3,170	2,380	0,081
6	2,820	2,360	0,022*
7	2,450	2,390	0,648
8	3,210	2,760	0,085
9	3,020	2,470	0,130

#### 4.5.2 Medidas de duração da tônica saliente

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de duração da tônica saliente, observamos que houve mais diferença pelos informantes do que a encontrada no enunciado. Apenas os enunciados dos informantes 1, 2 e 8

não demonstraram diferença estatisticamente significativa, conforme exposto na TAB. 2:

**TABELA 2 – Mediana e desvio padrão da duração da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	0,136	0,153	0,059
2	0,088	0,101	0,051
3	0,140	0,080	0,006*
4	0,150	0,089	0,000*
5	0,150	0,100	0,001*
6	0,200	0,124	0,007*
7	0,160	0,086	0,046*
8	0,150	0,100	0,096
9	0,170	0,095	0,000*

#### **4.5.3 Medidas de intensidade**

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de intensidade máxima do enunciado, observamos que somente os informantes 4 e 7 não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados. Verificamos também que a maioria dos informantes apresentou mediana de duração do enunciado maior na expressão da ironia, conforme exposto na TAB. 3:



**TABELA 3 – Mediana e desvio padrão da intensidade máxima por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estatística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	85,09	82,32	0,000*
2	80,82	83,69	0,016*
3	73,50	68,31	0,000*
4	78,43	78,11	0,520
5	75,59	71,33	0,000*
6	77,92	74,52	0,015*
7	84,46	86,12	0,561
8	82,40	75,25	0,001*
9	75,31	73,72	0,018*

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de intensidade mínima do enunciado, observamos que não houve diferença estatisticamente significativa, conforme exposto na TAB. 4:

**TABELA 4 – Mediana e desvio padrão da intensidade mínima por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estatística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	36,61	38,54	0,430
2	35,63	35,53	0,901
3	36,62	31,60	0,315
4	40,09	35,10	0,480
5	31,88	31,34	0,340
6	35,95	33,39	0,740
7	40,76	32,89	0,803
8	26,50	34,13	0,740
9	26,68	32,36	0,708

Na TAB. 5, a seguir, é possível observar a variação de intensidade dos enunciados de cada informante separadamente, e que somente os informantes 5 e 8 apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados:

**TABELA 5 – Mediana e desvio padrão da variação de intensidade por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estatística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	47,32	45,76	0,901
2	46,08	47,89	0,561
3	37,13	36,69	0,237
4	39,78	42,26	0,589
5	43,70	39,27	0,042*
6	41,67	39,87	0,589
7	41,84	48,04	0,589
8	56,65	44,47	0,034*
9	48,63	41,71	0,868

#### **4.5.4 Medidas de frequência**

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de  $F_0$  inicial do enunciado, observamos que somente os informantes 3 e 6 apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados, conforme exposto na TAB. 6:

**TABELA 6 – Mediana e desvio padrão da  $F_0$  inicial por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estatística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	4,49	1,66	0,430
2	1,57	3,52	0,221
3	5,79	4,56	0,046*
4	5,60	5,23	0,506
5	5,65	4,74	0,480
6	1,30	6,15	0,038*
7	3,69	5,50	0,506
8	4,14	4,29	0,506
9	8,25	5,73	0,229

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida  $F_0$  final, observamos que não houve diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura nos enunciados dos informantes 2, 6 e 9, conforme exposto na TAB. 7:

**TABELA 7 – Mediana e desvio padrão da  $F_0$  final por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estadística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	1,62	-1,73	0,002*
2	-0,99	-2,06	0,114
3	2,94	-1,48	0,025*
4	1,48	-1,34	0,018*
5	3,46	-0,68	0,001*
6	2,96	1,85	0,299
7	2,96	0,44	0,031*
8	1,86	0,03	0,319
9	4,20	1,44	0,002*

A TAB. 8, a seguir, apresenta as medidas de  $F_0$  média dos enunciados de cada informante separadamente. Note-se que os enunciados dos informantes 2, 4, 6 e 7 não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura:

**TABELA 8 – Mediana e desvio padrão da  $F_0$  média por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estadística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	5,58	2,43	0,001*
2	1,38	2,08	0,198
3	5,77	3,53	0,000*
4	5,03	5,65	0,213
5	6,07	5,36	0,042*
6	4,45	5,06	0,901
7	5,42	4,30	0,056
8	5,56	4,23	0,031*
9	6,17	5,53	0,031*

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de  $F_0$  máxima do enunciado, observamos que somente o informante 2 não apresentou diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados. Constatamos também que a maioria dos informantes apresentou valores dos enunciados maior na expressão da ironia, sendo que apenas o informante 2

apresentou média de duração dos enunciados maior na leitura, conforme exposto na TAB. 9:

**TABELA 9 – Mediana e desvio padrão da  $F_0$  máxima do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	12,60	8,43	0,001*
2	7,10	8,59	0,506
3	11,64	7,42	0,000*
4	12,61	9,85	0,000*
5	12,76	10,00	0,000*
6	12,68	10,46	0,009*
7	12,77	8,08	0,012*
8	11,75	9,10	0,010*
9	12,41	11,03	0,000*

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de  $F_0$  mínima do enunciado, observamos que somente os informantes 6, 7, 8 e 9 demonstraram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados, conforme exposto na TAB. 10:

**TABELA 10 – Mediana e desvio padrão da  $F_0$  mínima do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	-2,29	-3,09	0,708
2	-2,95	-2,87	0,319
3	-1,97	-3,16	0,835
4	-2,18	-3,47	0,158
5	-1,97	-1,78	0,901
6	-1,86	0,17	0,002*
7	-2,01	-0,89	0,026*
8	-2,17	-1,57	0,046*
9	-2,00	-0,24	0,038*

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de tessitura do enunciado, observamos que somente os informantes 2 e 4 não

apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados, conforme exposto na TAB. 11:

**TABELA 11 – Mediana e desvio padrão da tessitura do enunciado por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor) Ironia x Leitura
	Ironia	Leitura	
1	14,72	10,60	0,004*
2	8,86	11,68	0,618
3	14,24	10,47	0,001*
4	14,80	12,73	0,089
5	14,69	11,68	0,002*
6	14,67	11,22	0,007*
7	14,38	8,60	0,007*
8	14,10	9,73	0,003*
9	14,72	11,83	0,001*

Na TAB. 12, abaixo, é possível perceber que a maioria dos informantes apresentou maior valor de  $F_0$  máxima da tônica na expressão da ironia:

**TABELA 12 – Mediana e desvio padrão da  $F_0$  máxima da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor) Ironia x Leitura
	Ironia	Leitura	
1	7,98	6,01	0,771
2	2,34	3,03	0,213
3	9,41	4,24	0,000*
4	9,97	6,54	0,025*
5	10,18	7,77	0,001*
6	5,55	6,37	0,803
7	7,02	6,35	0,455
8	7,22	5,43	0,025*
9	11,58	7,62	0,002*

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida de tessitura do enunciado, observamos que somente os informantes 4 e 6 apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados, conforme exposto na TAB. 13:

**TABELA 13 – Mediana e desvio padrão da F<sub>0</sub> mínima da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	0,82	3,76	0,184
2	1,20	0,53	0,480
3	3,69	2,71	0,533
4	2,68	5,38	0,001*
5	2,78	5,01	0,319
6	-0,02	3,43	0,012*
7	1,96	4,74	0,171
8	3,13	3,91	0,171
9	2,81	5,27	0,135

Ao analisarmos os enunciados de cada informante separadamente para a medida amplitude melódica da tônica, observamos que apenas o informante 1 não apresentou diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados, conforme exposto na TAB. 14:

**TABELA 14 – Mediana e desvio padrão da amplitude melódica da tônica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste Mann-Whitney

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	3,15	2,51	0,383
2	1,67	2,53	0,025*
3	5,63	1,26	0,004*
4	6,87	1,10	0,000*
5	6,71	3,00	0,018*
6	3,84	2,23	0,018*
7	3,12	1,24	0,009*
8	3,46	1,41	0,004*
9	5,88	2,05	0,000*

Ao analisar os enunciados de cada informante separadamente para a taxa de velocidade de variação melódica, percebemos que somente os informantes 3 e 8 apresentaram diferença estatisticamente significativa entre ironia e leitura em seus enunciados, conforme exposto na TAB. 15:

**TABELA 15 – Mediana e desvio padrão da taxa de velocidade de variação melódica por informante, com respectivo valor de significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estatística: Teste Mann-Whitney**

Informante	Mediana		Significância (p-valor)
	Ironia	Leitura	Ironia x Leitura
1	23,14	16,44	0,068
2	19,04	26,84	0,280
3	31,44	19,82	0,034*
4	38,21	16,76	0,051
5	31,12	27,75	0,361
6	20,19	17,63	0,771
7	21,62	12,18	0,081
8	24,17	14,64	0,025*
<u>9</u>	40,59	20,09	0,068

#### 4.6 Análise do enunciado

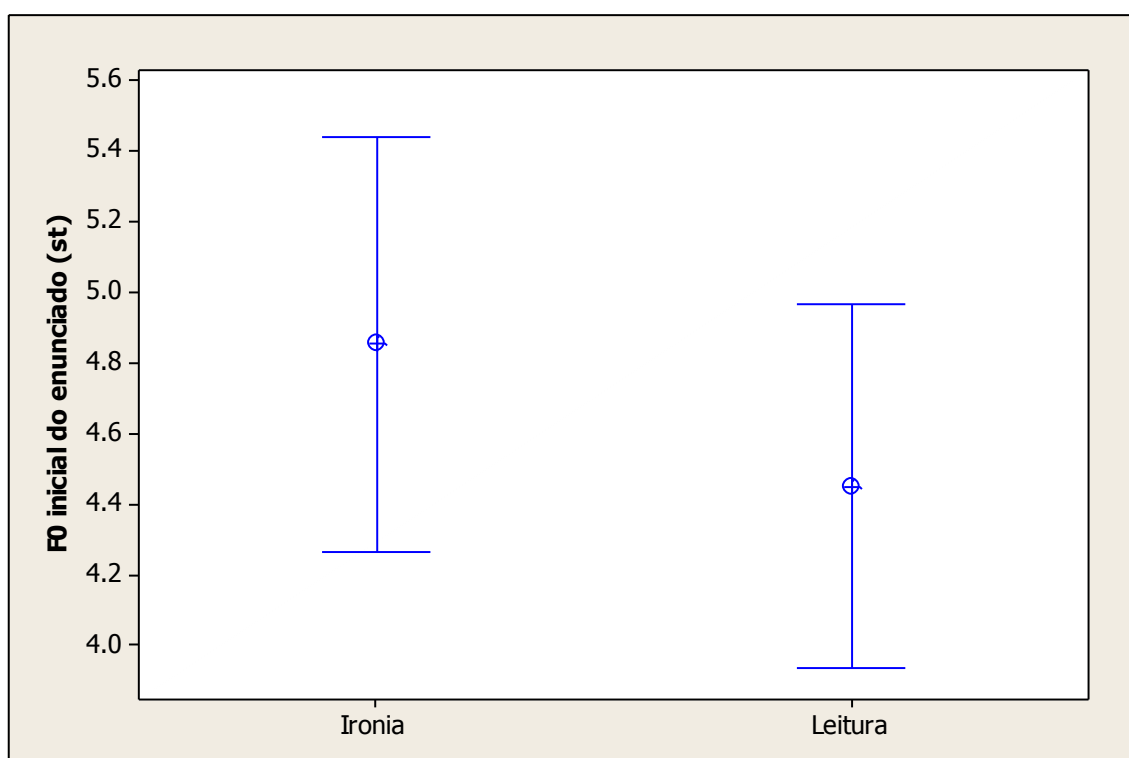
Foram realizadas análises de cada variável, comparando ironia e leitura. Os valores são de média e desvio padrão de cada variável.

##### 4.6.1 Medidas de $F_0$

Em relação às medidas de frequência fundamental ( $F_0$ ), verificamos que todas as medidas dos enunciados produzidos com ironia foram maiores do que nos enunciados apenas lidos. Foram analisados a média, o desvio padrão e a significância da comparação entre os enunciados irônicos e os enunciados lidos. Houve diferença estatisticamente significativa entre a ironia e a leitura para  $F_0$  final do enunciado,  $F_0$  média do enunciado,  $F_0$  máxima do enunciado,  $F_0$  mínima do enunciado e tessitura do enunciado. Essa diferença não foi estatisticamente significativa apenas para a  $F_0$  inicial do enunciado, conforme exposto na TAB. 16:

**TABELA 16 – Valores de  $F_0$  inicial,  $F_0$  final,  $F_0$  média,  $F_0$  máxima,  $F_0$  mínima e tessitura do enunciado**  
**Estadística: Teste t**

Variável	Média (DP) - <i>Ironia</i>	Média (DP) - <i>Leitura</i>	p-valor
$F_0$ inicial do enunciado (st)	4,85 (3,45)	4,45 (3,02)	0,249
$F_0$ final do enunciado (st)	2,60 (3,54)	0,22 (2,59)	0,000*
$F_0$ média do enunciado (st)	4,79 (2,96)	4,05 (1,89)	0,008*
$F_0$ máxima do enunciado (st)	11,04 (2,71)	8,86 (2,45)	0,000*
$F_0$ mínima do enunciado (st)	-2,21 (1,74)	-1,67 (1,96)	0,012*
Tessitura do enunciado (st)	13,25 (3,16)	10,54 (3,07)	0,000*

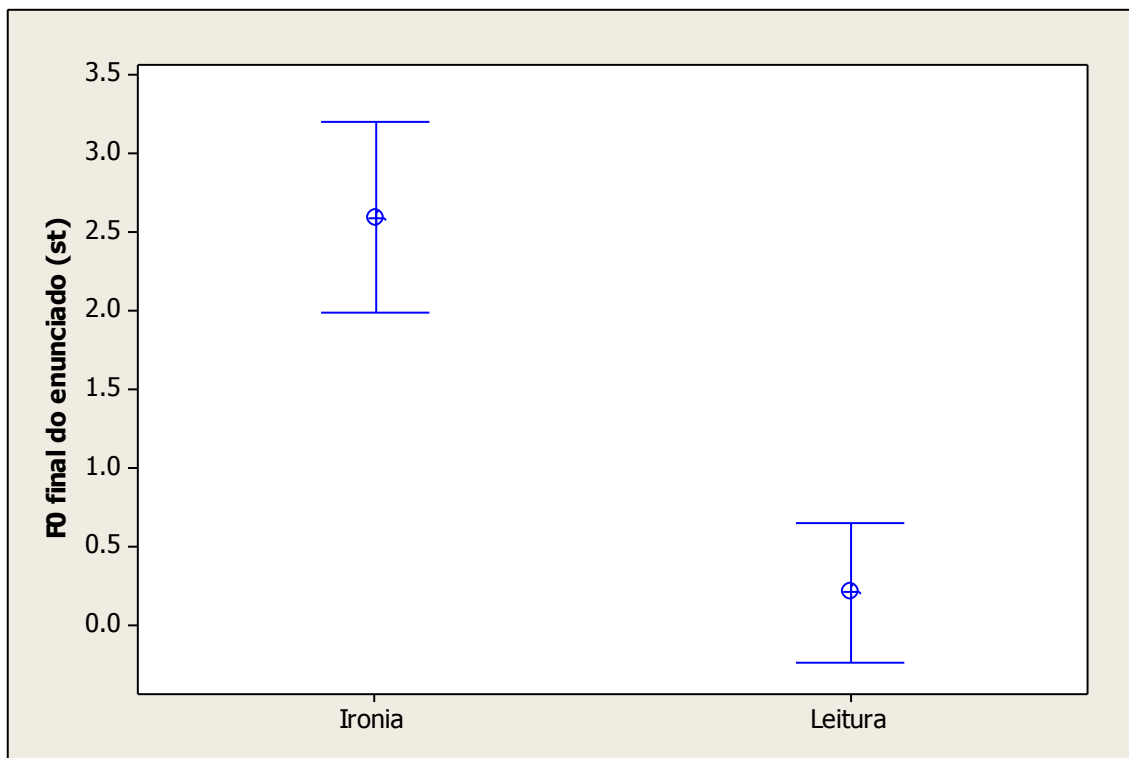


**GRÁFICO 1 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as  $F_0$  inicial do enunciado na expressão da ironia e na leitura**

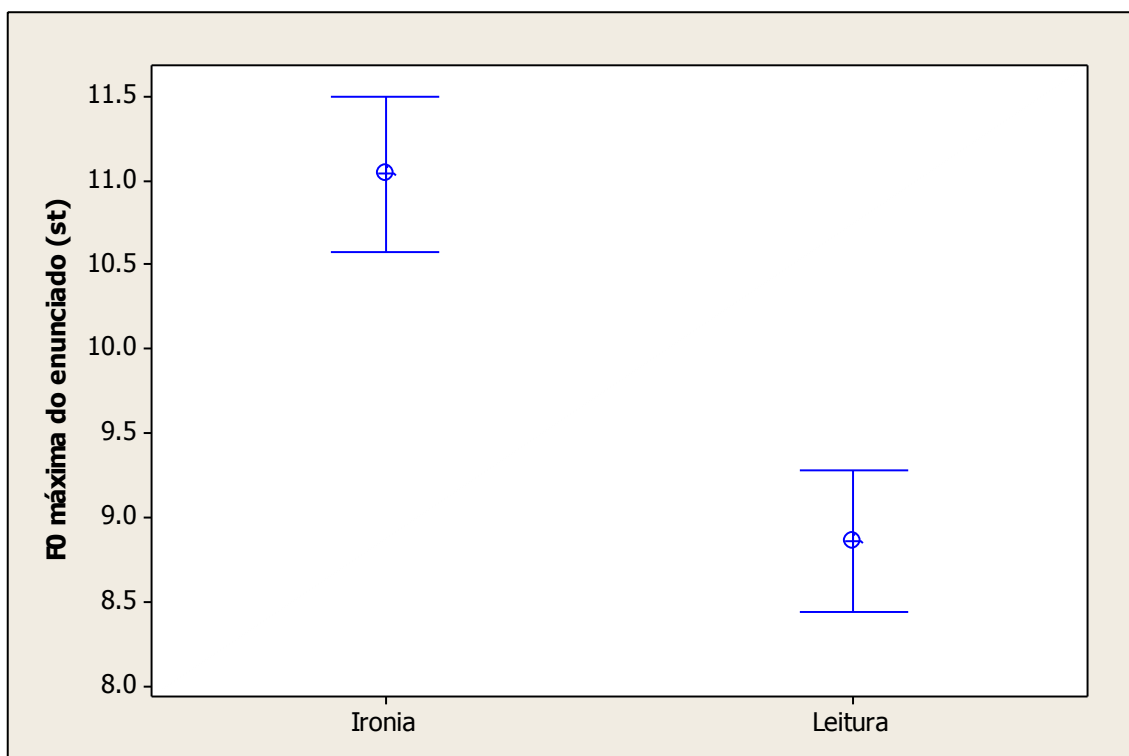
Ao analisar a  $F_0$  final e a  $F_0$  máxima do enunciado nos GRAF. 1 e 2<sup>2</sup>, percebemos que os valores na ironia foram maiores que os valores na leitura. Essa diferença foi estatisticamente significativa.

<sup>2</sup> O círculo localizado no meio do intervalo representa a média amostral.





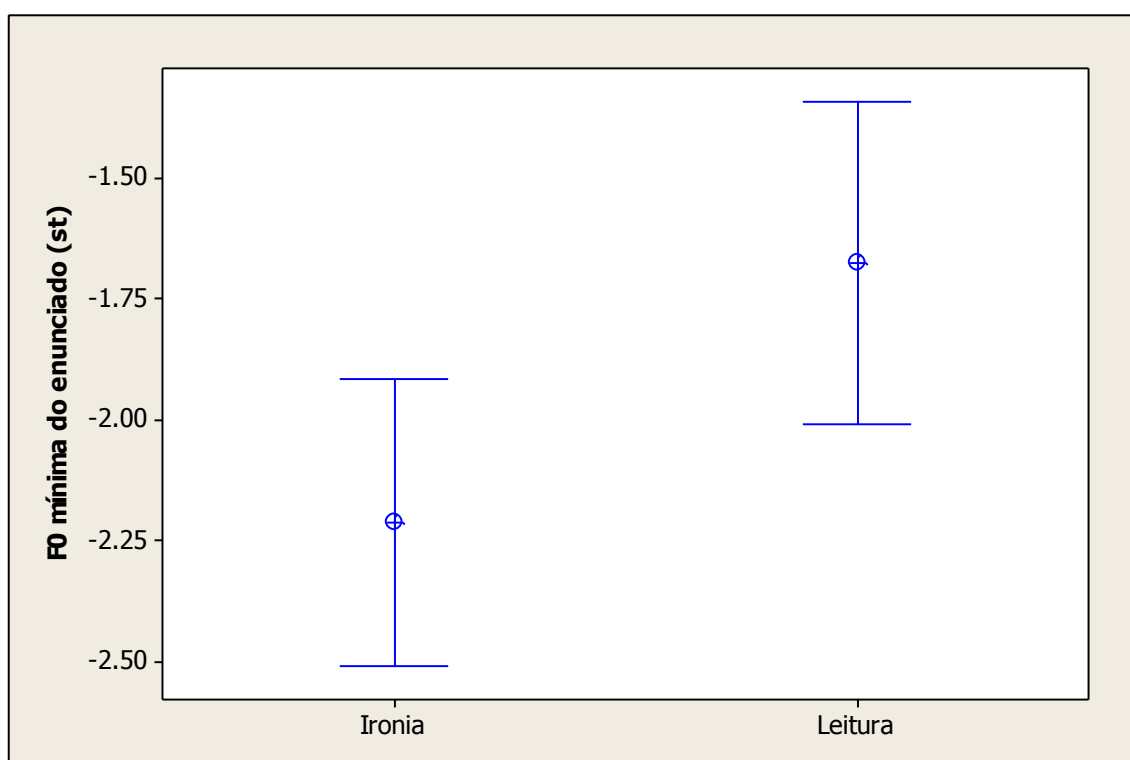
**GRÁFICO 2 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as F<sub>0</sub> final do enunciado na expressão da ironia e na leitura**



**GRÁFICO 3 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as F<sub>0</sub> máxima do enunciado na expressão da ironia e na leitura**

Ao analisar a  $F_0$  mínima do enunciado, é possível perceber que, ao contrário de todas as outras medidas de  $F_0$ , as medidas de valores na leitura foram maiores que as medidas de valores na ironia. Essa diferença foi estatisticamente significativa.

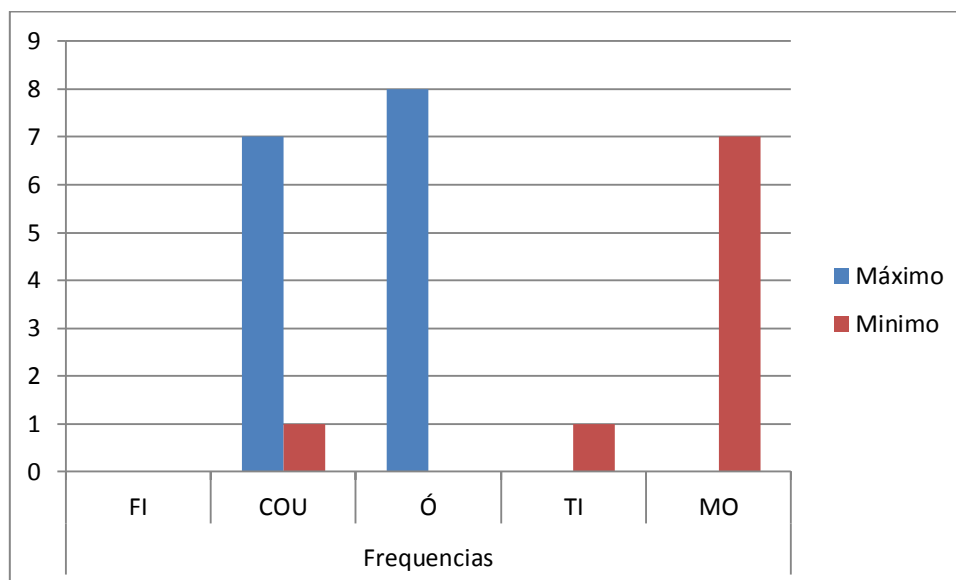
Podemos dizer que houve uma diferença de registro. Tanto na gravação dos enunciados quanto no estudo realizado anteriormente às gravações, notamos que, durante a emissão de um enunciado neutro, no caso da leitura, os informantes tenderam a falar com frequência mais baixa, ao passo que, ao expressar ironia, e, principalmente, na tentativa de demonstrar certa “superioridade intelectual” em determinadas situações, a tendência foi um aumento da frequência.



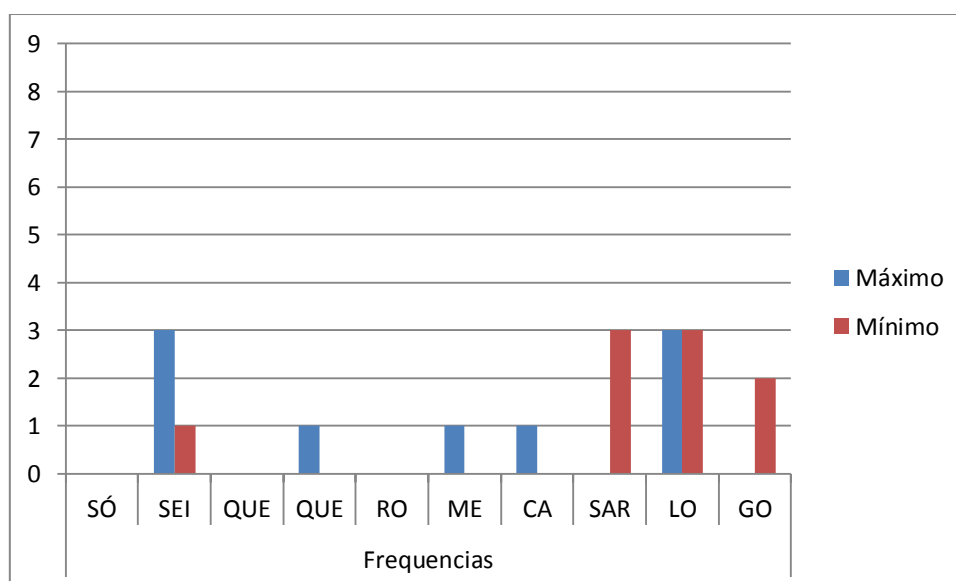
**GRÁFICO 4 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as  $F_0$  mínima do enunciado na expressão da ironia e na leitura**

Os GRAF. de 5 a 15 apresentam a localização da  $F_0$  máxima e da  $F_0$  mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes. É possível perceber a grande variedade de formas de expressão, visto que houve grande diferença de informante para informante em determinados enunciados. Porém, a maior parte dos informantes pronunciou o enunciado “ficou ótimo” da mesma forma, já que a  $F_0$  mínima caiu na última sílaba do enunciado, e a  $F_0$  máxima, na primeira sílaba da palavra “ótimo”. Outro fato interessante nesse enunciado foi a medida de  $F_0$  máxima

ter ficado entre o “u” de “ficou” e o “ó” de “ótimo”, ou seja, uma ditongação como se os informantes tivessem produzido “uótimo”, conforme exposto no GRAF. 5 abaixo:



**GRÁFICO 5 – Localização da  $F_0$  máxima e da  $F_0$  mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**



**GRÁFICO 6 – Localização da  $F_0$  máxima e da  $F_0$  mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**

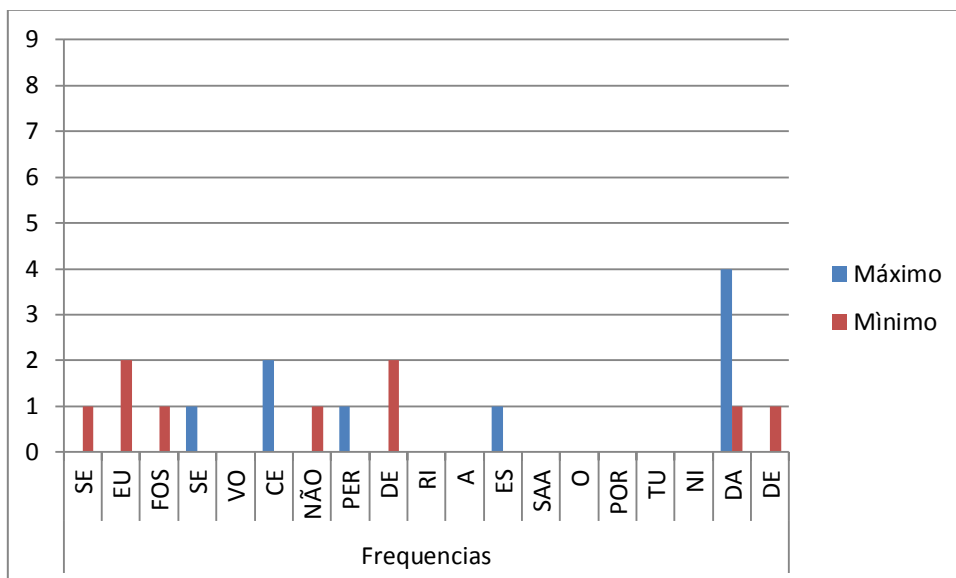


GRÁFICO 7 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes

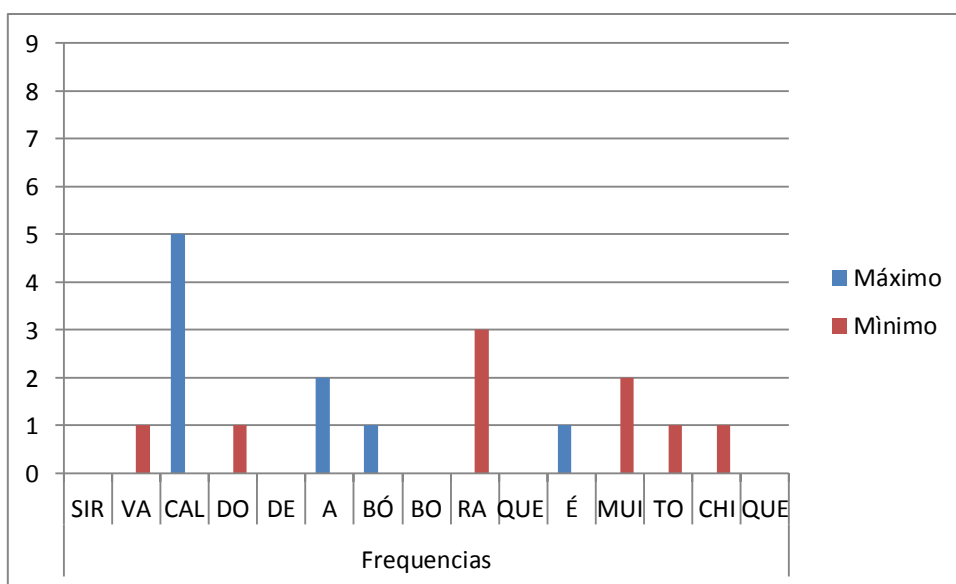


GRÁFICO 8 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes

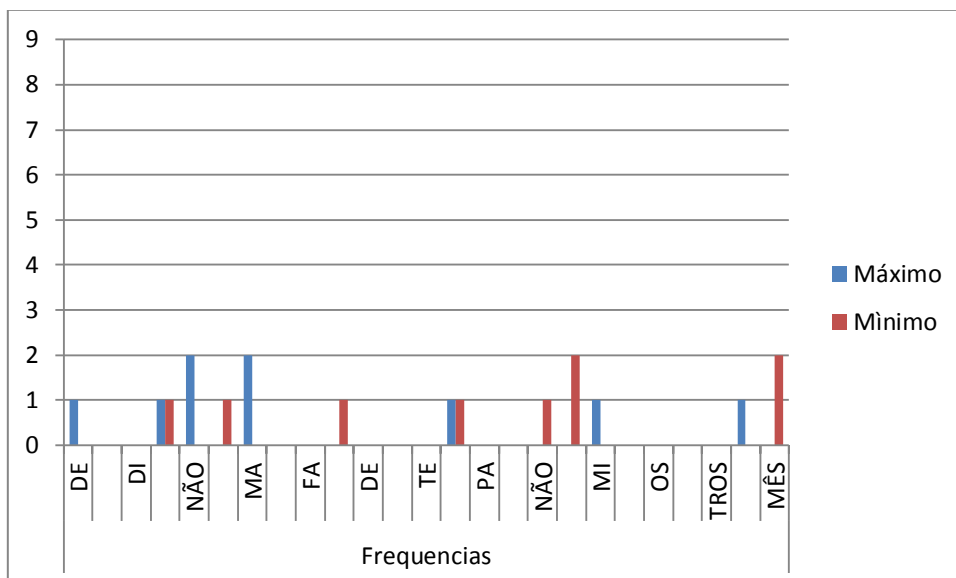


GRÁFICO 9 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes

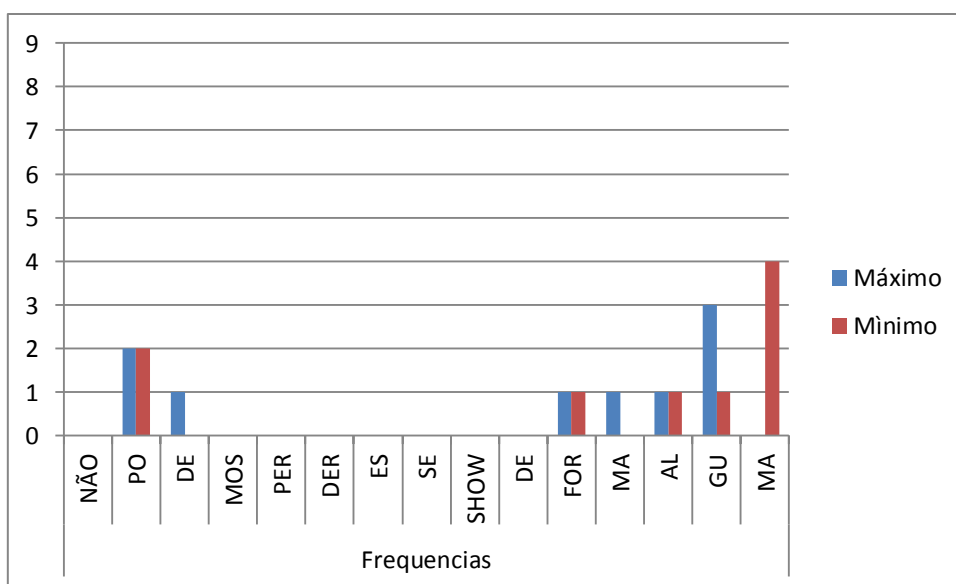
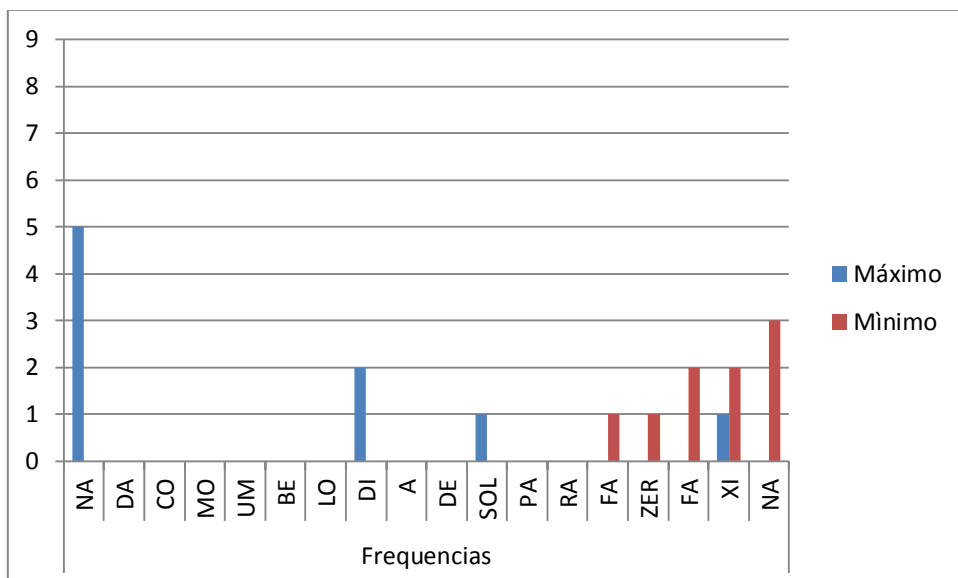
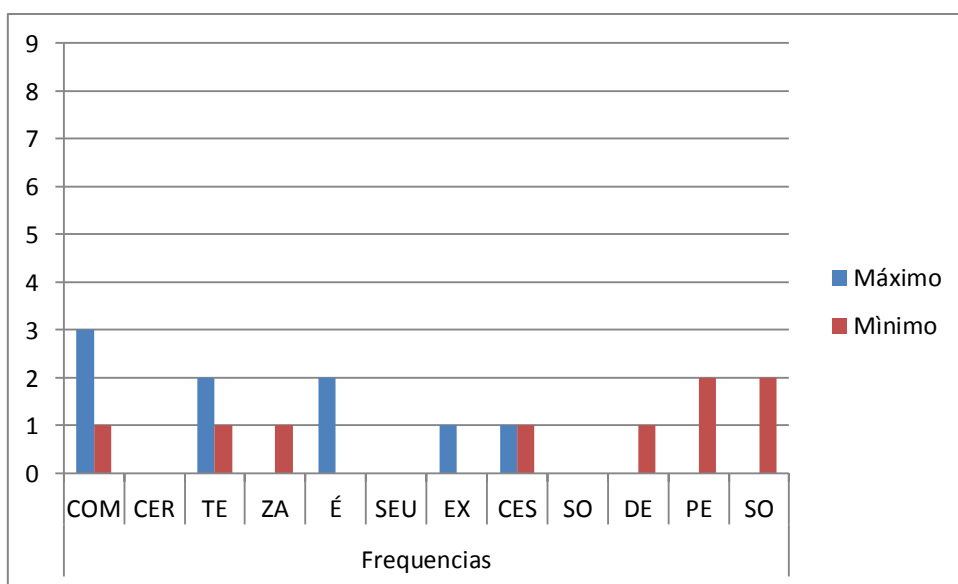


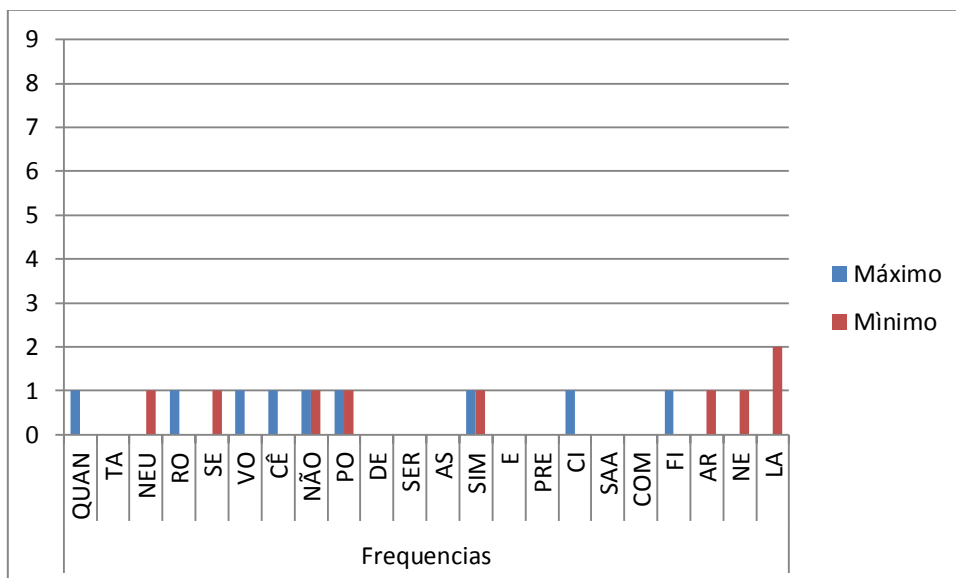
GRÁFICO 10 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes



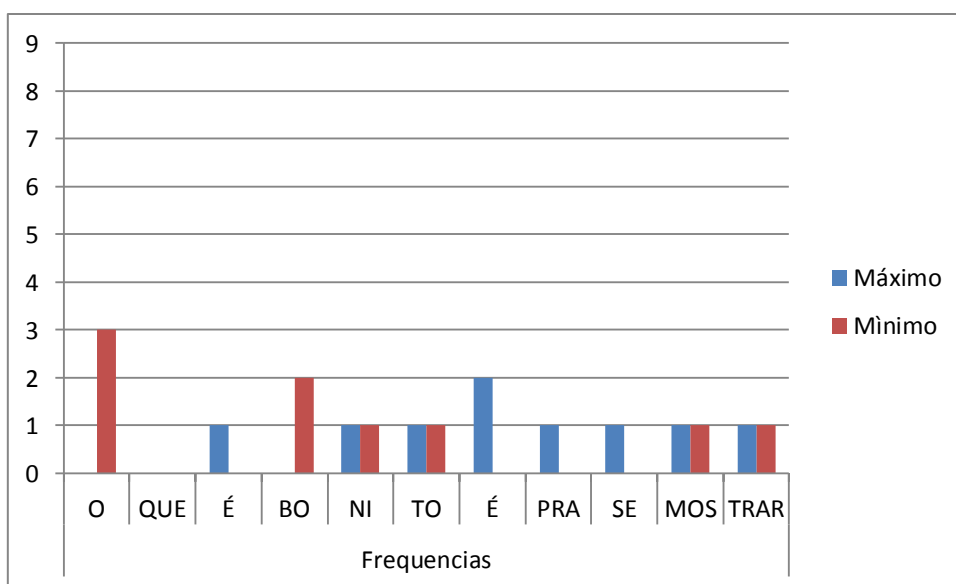
**GRÁFICO 11 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**



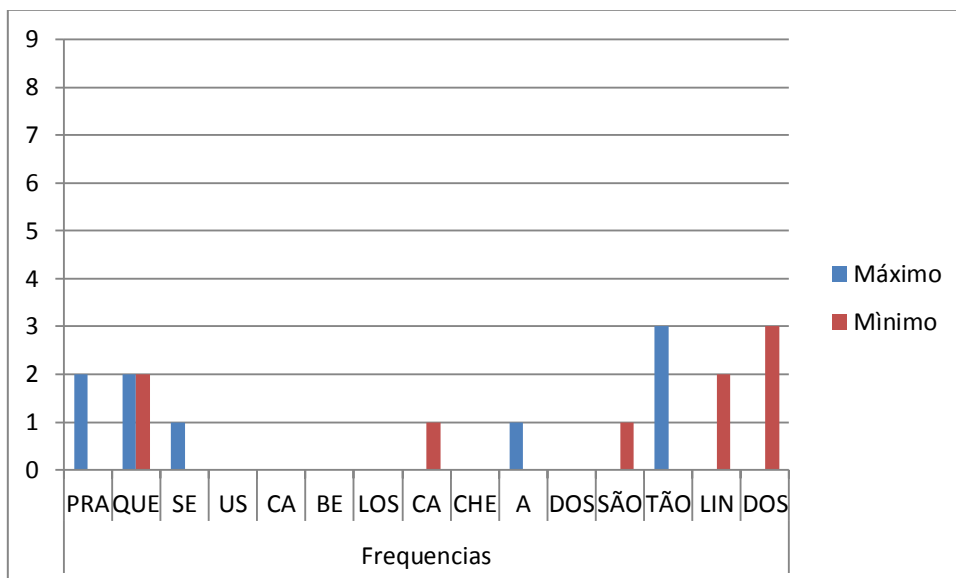
**GRÁFICO 12 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**



**GRÁFICO 13 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**

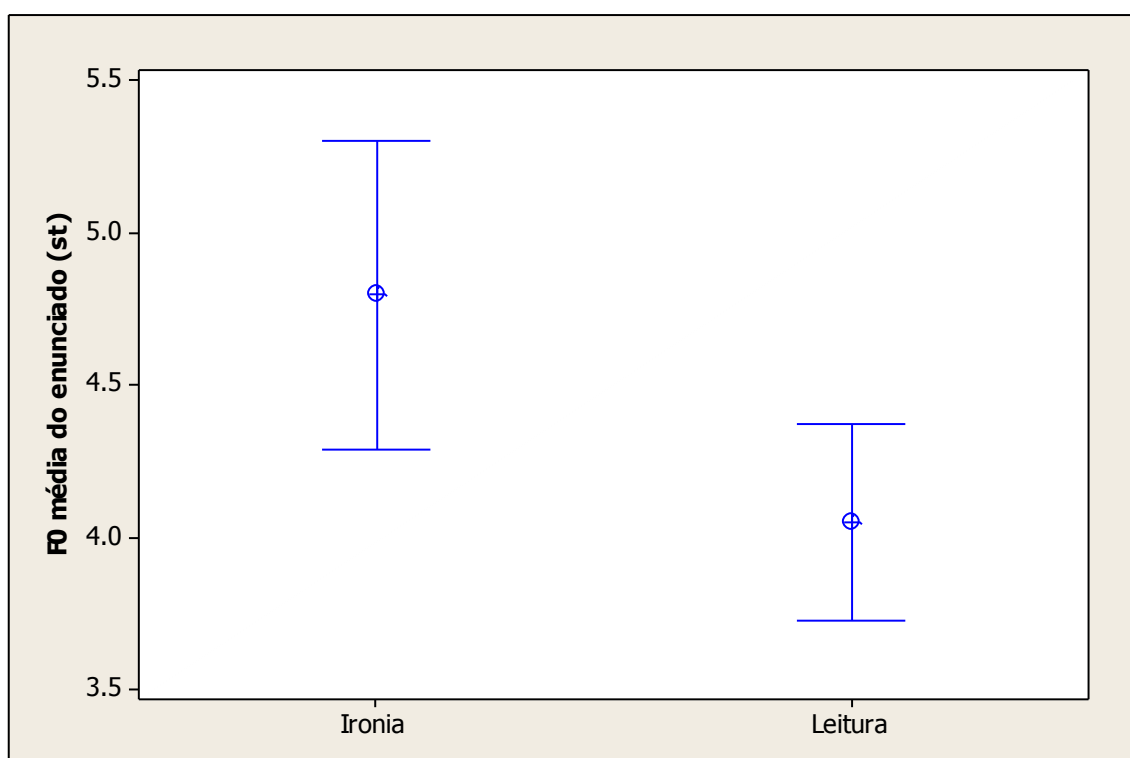


**GRÁFICO 14 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**



**GRÁFICO 15 – Localização da F<sub>0</sub> máxima e da F<sub>0</sub> mínima no enunciado conforme a expressão de ironia dos informantes**

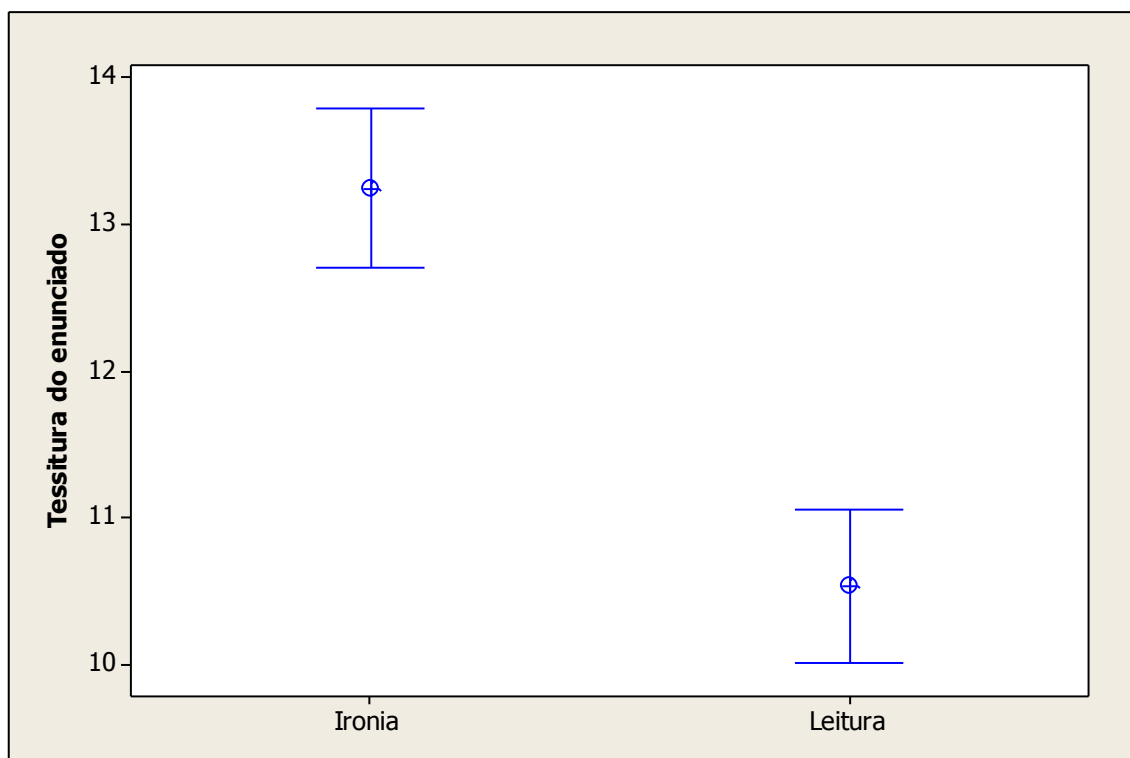
Com base no GRAF. 16, abaixo, observamos que, na F<sub>0</sub> média do enunciado, os valores das medidas de ironia foram maiores que os valores das medidas na leitura. Tal diferença foi estatisticamente significativa.



**GRÁFICO 16 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as F<sub>0</sub> média do enunciado na expressão da ironia e na leitura**

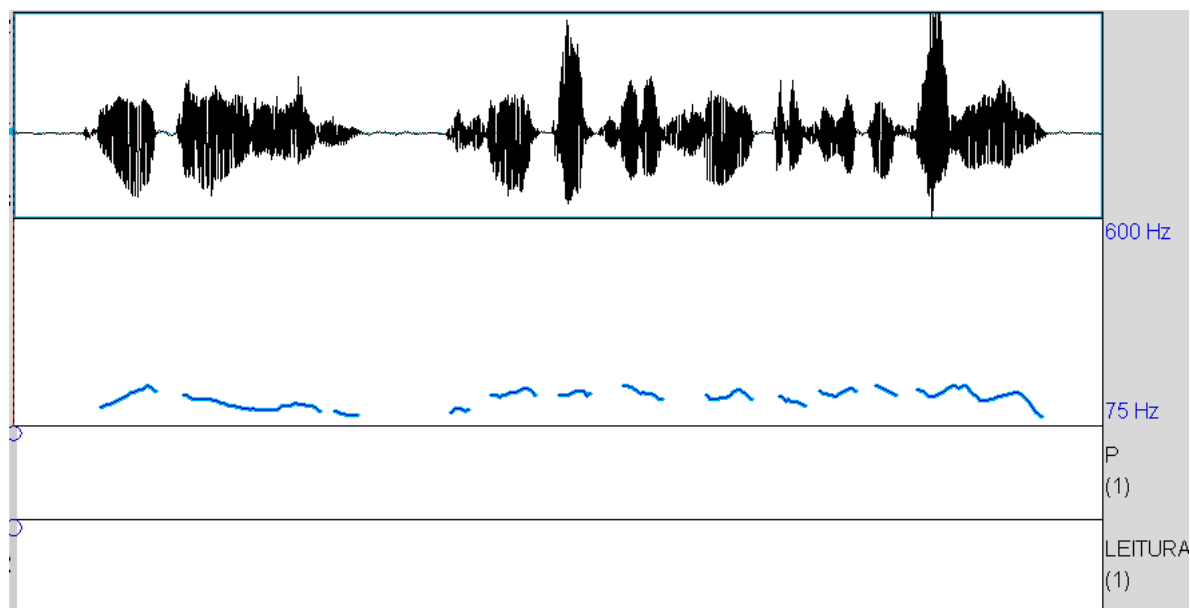


A partir do GRAF. 17, a seguir, é possível notar que, na tessitura do enunciado, os valores das medidas de ironia foram bem maiores se comparados aos da leitura. Tal diferença foi estatisticamente significativa.

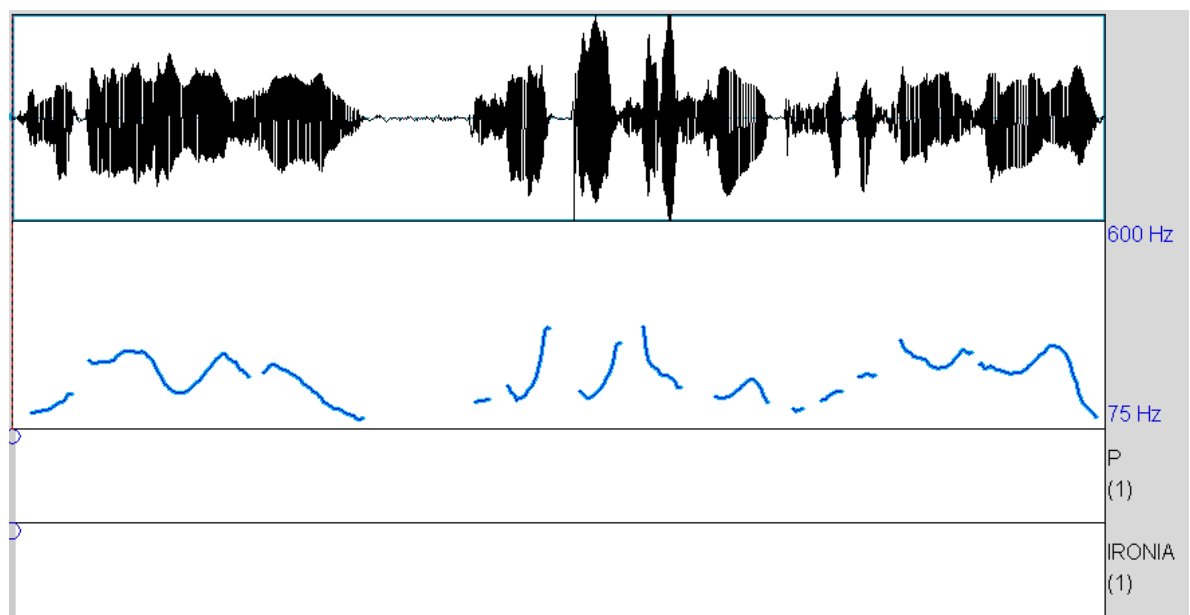


**GRÁFICO 17 – Representação dos intervalos de confiança estimados para tessitura do enunciado na expressão da ironia e na leitura**

A tessitura dos enunciados expressos com ironia ter sido maior do que a tessitura dos enunciados lidos era o que esperávamos, uma vez que foi notória a variedade entre frequências ( $F_0$ ). Durante a emissão da ironia, os informantes iam aos de uma frequência baixa até uma bem mais alta em um mesmo enunciado.



**FIGURA 3 – Janela do PRAAT® mostrando a variação de frequência no enunciado lido**



**FIGURA 4 – Janela do PRAAT® mostrando a variação de frequência no enunciado irônico**

A partir das FIG. 3 e 4, podemos notar que a frequência máxima é bem maior na expressão de ironia do que no enunciado lido. É importante ressaltar que os sinais de ironia e de leitura aqui comparados foram do mesmo informante.

#### 4.6.2 Medidas de $F_0$ da tônica saliente

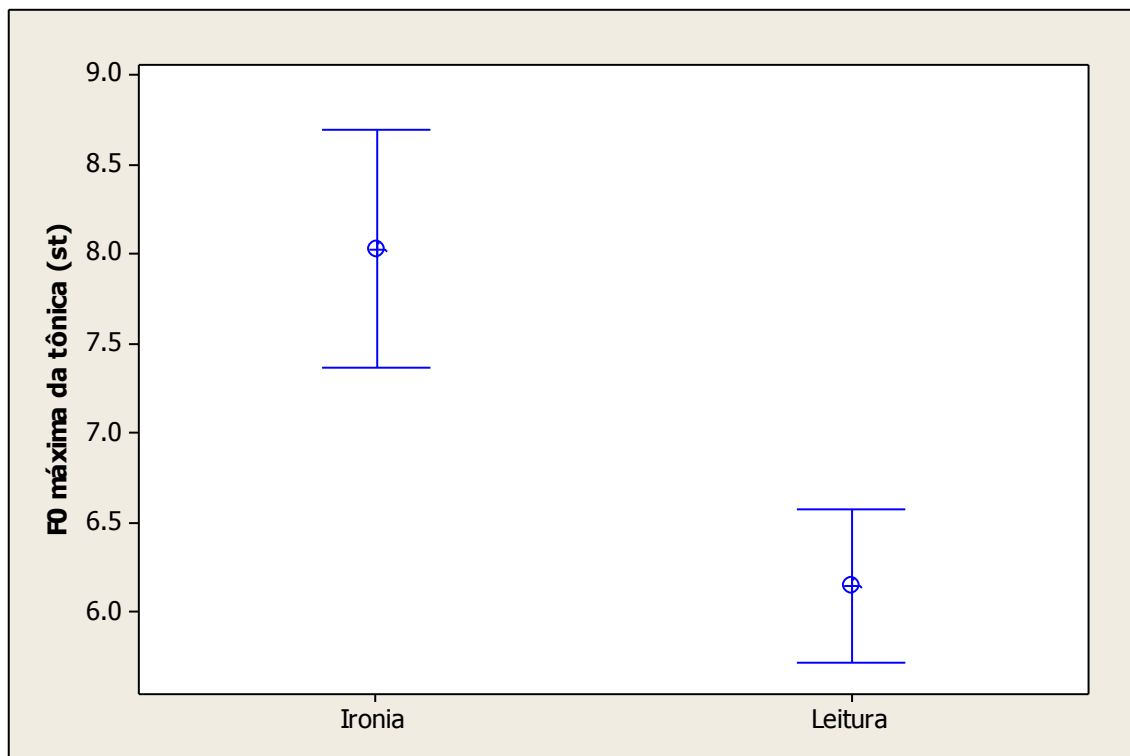
Em relação às medidas de  $F_0$  da tônica, observamos que, exceto para a amplitude melódica, todas as medidas da tônica foram maiores na ironia. Houve diferença estatisticamente significativa entre as medidas de ironia e leitura para  $F_0$  máxima da tônica,  $F_0$  mínima da tônica, amplitude melódica da tônica e taxa de velocidade da variação melódica. Essa diferença está exposta na TAB. 17:

**TABELA 17 – Média, desvio padrão e significância da comparação da tônica entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste t

Variável	Média (DP) - <i>Ironia</i>	Média (DP) - <i>Leitura</i>	p-valor
$F_0$ máxima da tônica (st)	8,03 (3,91)	6,15 (2,50)	0,000*
$F_0$ mínima da tônica (st)	2,40 (3,52)	3,78 (2,63)	0,000*
AM da tônica (st)	5,63 (4,75)	2,37 (1,94)	0,000*
TVVM da tônica (st/s)	33,9 (29,8)	21,5 (17,0)	0,000*

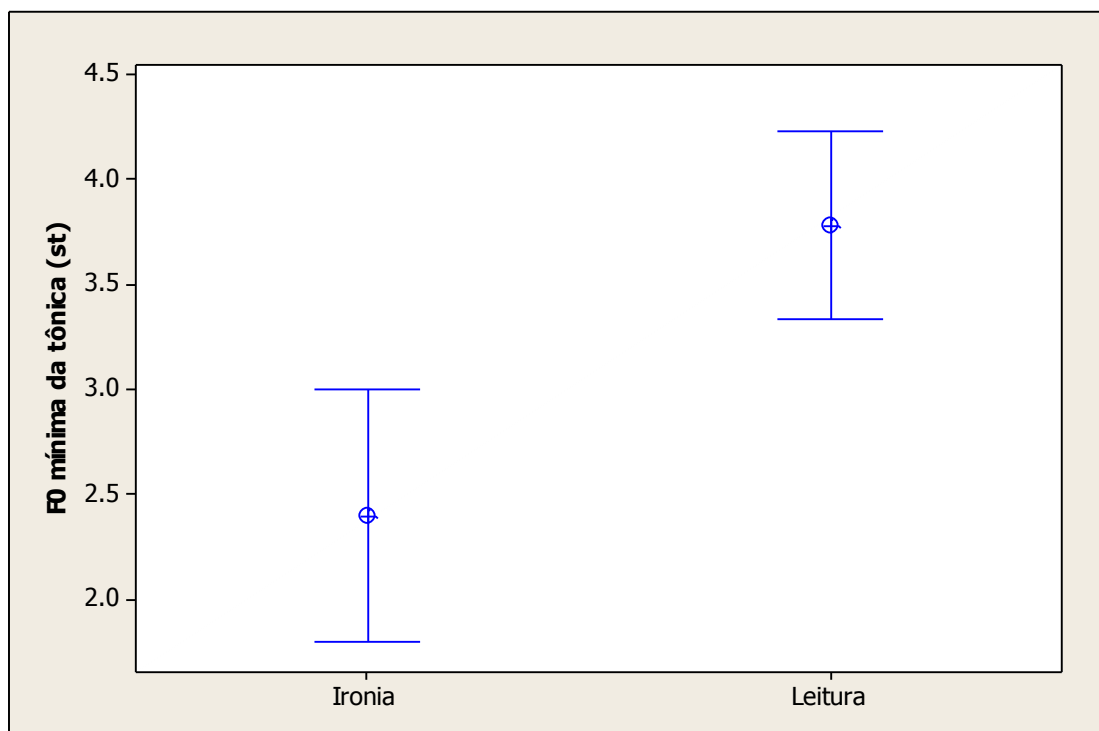
Com base nessa tabela e nas medidas de  $F_0$  do enunciado, é possível notar que as medidas de  $F_0$  máxima do enunciado e da vogal tônica, AM e TVVM da vogal tônica foram distintas dos enunciados lidos, de forma que, na expressão da atitude, esses parâmetros apresentaram maiores valores em relação à leitura.

No GRAF. 18, observamos que, na  $F_0$  máxima da tônica saliente, os valores das medidas de ironia foram bem maiores se comparados aos valores das medidas de leitura. Tal diferença foi estatisticamente significativa.



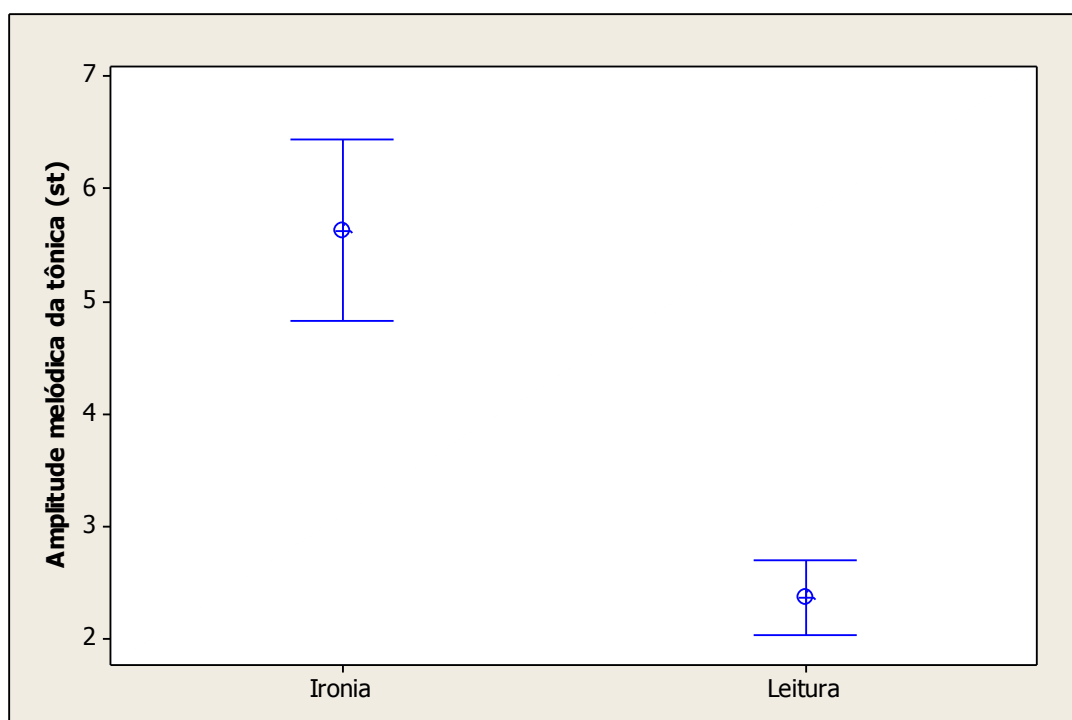
**GRÁFICO 18 – Representação dos intervalos de confiança estimados para  $F_0$  máxima da sílaba tônica saliente na expressão da ironia e na leitura**

No GRAF. 19, notamos que, na  $F_0$  mínima da tônica saliente, assim como na  $F_0$  mínima do enunciado, os valores das medidas foram maiores na leitura do que na ironia, ao contrário do valor de todas as outras medidas de  $F_0$ . Essa diferença foi estatisticamente significativa.



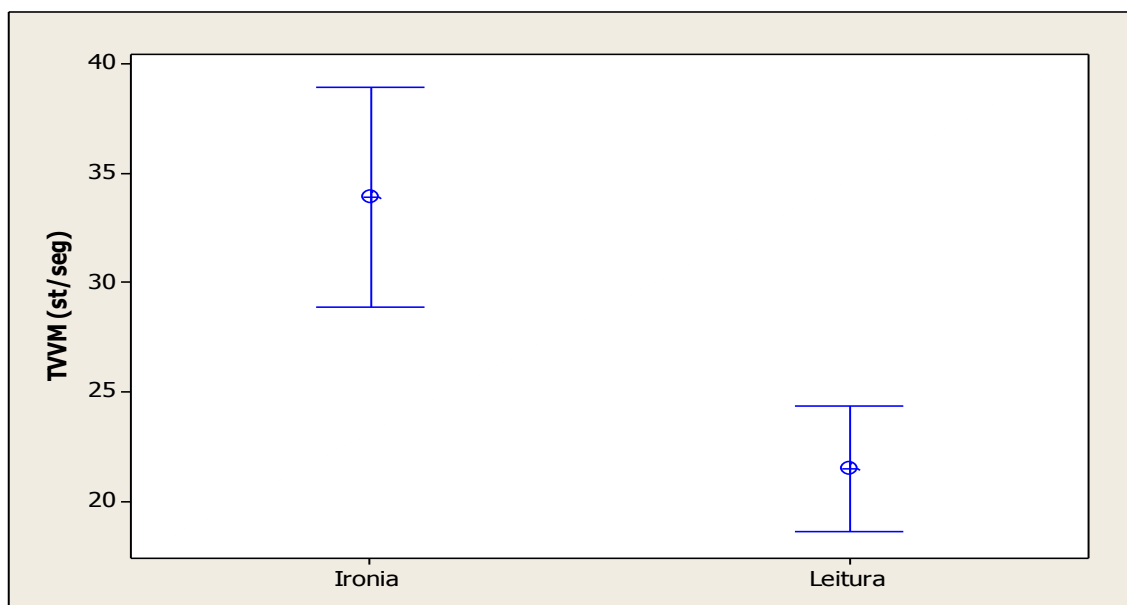
**GRÁFICO 19 – Representação dos intervalos de confiança estimados para  $F_0$  mínima da tônica saliente na expressão da ironia e na leitura**

O GRAF. 20 apresenta os valores das medidas de amplitude melódica de ironia, que foram bem maiores se comparados aos valores das medidas da leitura. Tal diferença foi estatisticamente significativa.



**GRÁFICO 20 – Representação dos intervalos de confiança estimados para Amplitude melódica da tônica saliente na expressão da ironia e na leitura**

Com base no GRAF. 21, observamos que os valores das medidas de taxa de velocidade de variação melódica de ironia foram bem maiores se comparados aos valores das medidas de leitura. Tal diferença foi estatisticamente significativa.



**GRAFICO 21 – Representação dos intervalos de confiança estimados para a taxa de velocidade da variação melódica na expressão da ironia e na leitura**

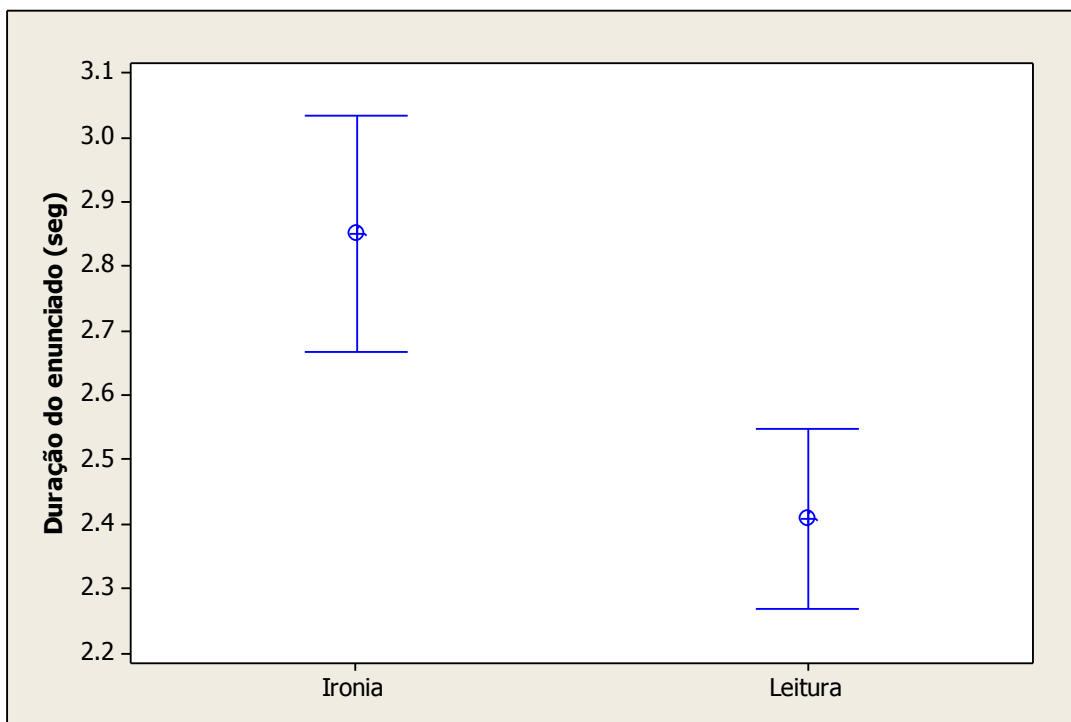
#### 4.6.3 Medidas de duração

Em relação às medidas de duração, observamos que a duração do enunciado foi maior na ironia (média de 2,866 s) do que na leitura (média de 2,409 s). Quanto à duração da tônica, também verificamos uma maior duração na ironia (média de 0,189 s) do que na leitura (média de 0,142 s). Houve diferença estatisticamente significativa entre a ironia e a leitura para as medidas realizadas ao nível do enunciado e da tônica, conforme exposto na TAB. 18:

**TABELA 18 – Média, desvio padrão e significância da comparação entre ironia e leitura**  
Estatística: Teste t

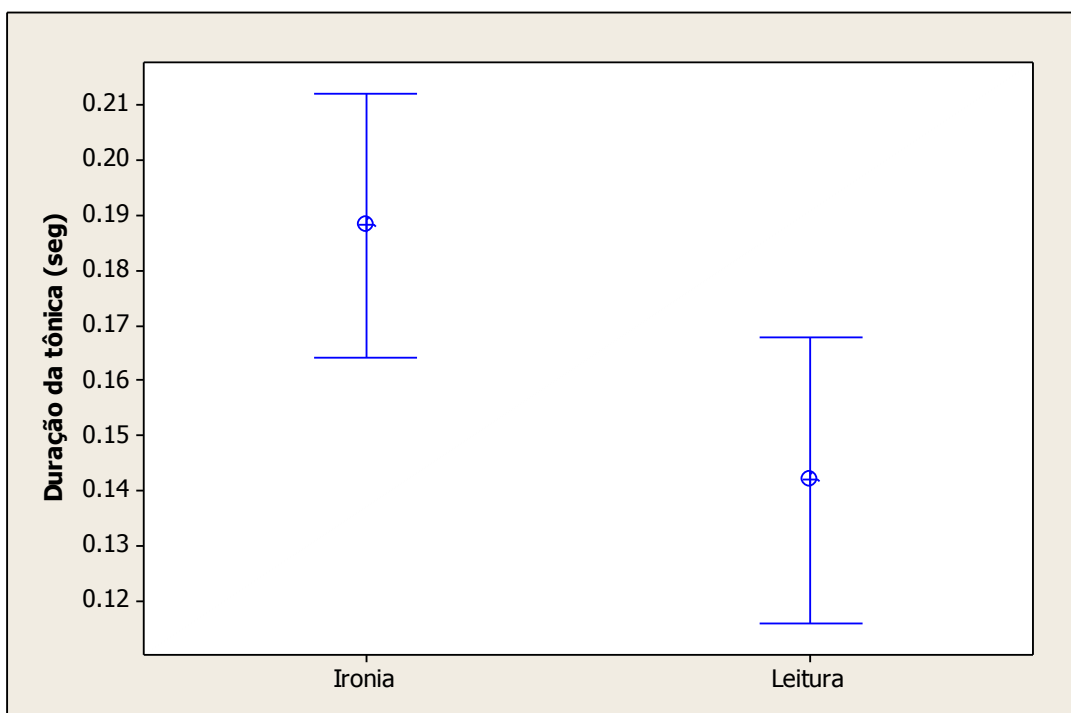
Variável	Média (DP) – Ironia	Média (DP) – Leitura	p-valor
Duração do enunciado (s)	2,866 (1,057)	2,409 (0,814)	<b>0,000*</b>
Duração da tônica (s)	0,189 (0,141)	0,142 (0,151)	<b>0,009*</b>

A partir da média, constatamos que ambas as medidas de duração foram maiores para a atitude de ironia em relação à de leitura. O GRAF. 22, abaixo, apresenta os intervalos de confiança para as medidas de duração do enunciado na ironia e na leitura.



**GRÁFICO 22 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de duração (em segundos) na expressão da ironia e na leitura**

O GRAF. 23, a seguir, demonstra os intervalos de confiança para as medidas de duração da tônica saliente na ironia e na leitura:



**GRÁFICO 23 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de duração (em segundos) na expressão da ironia e na leitura**

Comparando os GRAF. 22 e 23, é possível perceber que as medidas de duração apresentaram valores médios mais elevados na ironia do que na leitura, sendo essa diferença mais expressiva para a duração do enunciado.

Tendo em vista as medidas de duração supracitadas, podemos pensar que um dos fatores de interferência para que tais medidas tenham sido maiores na ironia, possa ser o fato de os informantes terem usado o riso, interjeições e gestos e o movimento amplo das mãos que acompanhavam a fala. Em alguns enunciados, eles riam e prolongavam algumas palavras. Por exemplo, no enunciado “sirva caldo de abóbora, que é muito chique”, alguns informantes reproduziram na expressão de ironia: “sirva caldo de abóbora, hun (risos) é muuuuito chique”. Tais “recursos” foram muito utilizados como uma espécie de marcador da atitude, o que nos leva a crer na hipótese de que, para muitas pessoas, a expressão de ironia necessita de risos e prolongamentos, principalmente no advérbio de intensidade, como no exemplo acima, ‘muito’.

A maior duração observada nos enunciados irônicos pode ter sido influenciada por fatores paralinguísticos. Clift (1999), Kotthoff (2003) e Eisterhold, Attardo e Boxer (2006) apontam o riso como um marcador de ironia. Outros marcadores paralinguísticos de ironia são as reações não verbais, como gestos, olhares de reprovação, olhos revirados, tremer a cabeça, estrabismo, vermelhidão da face, língua de fora, resmungos, entre outros (EISTERHOLD; ATTARDO; BOXER, 2006).

Em vista disso, é possível afirmar que, assim como os aspectos prosódicos, o falante pode usar, também, recursos paralinguísticos para expressar ironia. Estudos posteriores seriam interessantes nesse aspecto, visando estabelecer a relação de duração das sentenças irônicas com e sem o riso.

#### **4.6.4 Medidas de intensidade**

Para as medidas de intensidade máxima e para a variação de intensidade, houve diferença estatisticamente significativa entre os enunciados produzidos com ironia e os enunciados lidos. Ao avaliar a variação de intensidade, foi considerada a diferença entre a intensidade máxima e a mínima, conforme exposto na TAB. 19:

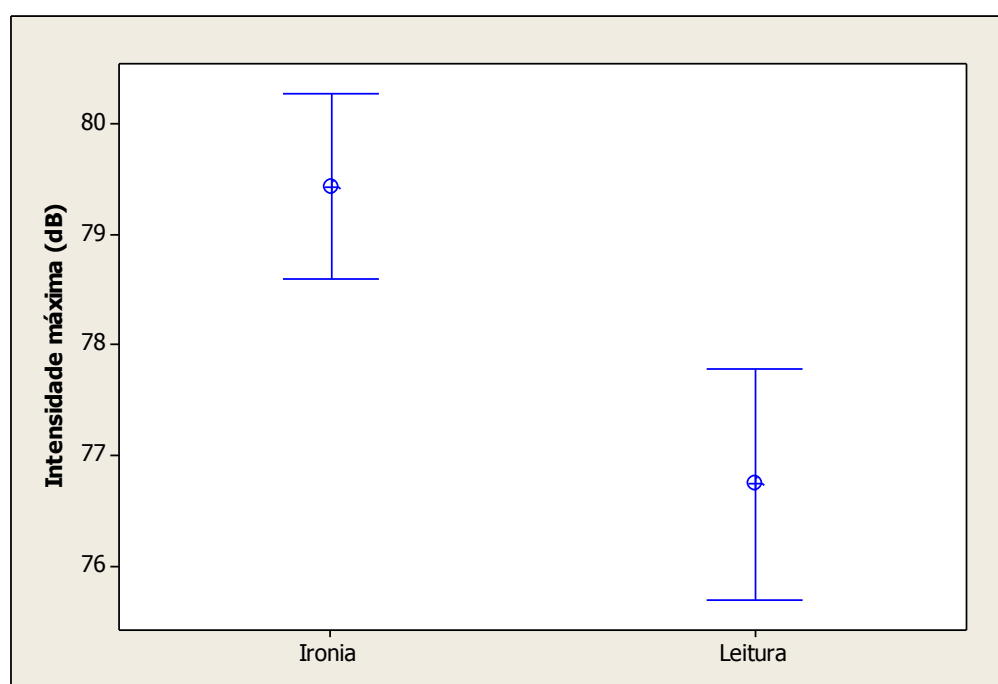


**TABELA 19 – Média, desvio padrão e significância da comparação entre ironia e leitura**  
**Estatística: Teste t**

Variável	Média (DP) – <i>Ironia</i>	Média (DP) – <i>Leitura</i>	p-valor
Intensidade máxima (dB)	79,49 (4,87)	76,74 (6,12)	0,000*
Intensidade mínima (dB)	34,48 (8,54)	33,39 (8,95)	0,184
Variação de intensidade (dB)	44,92 (9,19)	43,02 (9,89)	0,037*

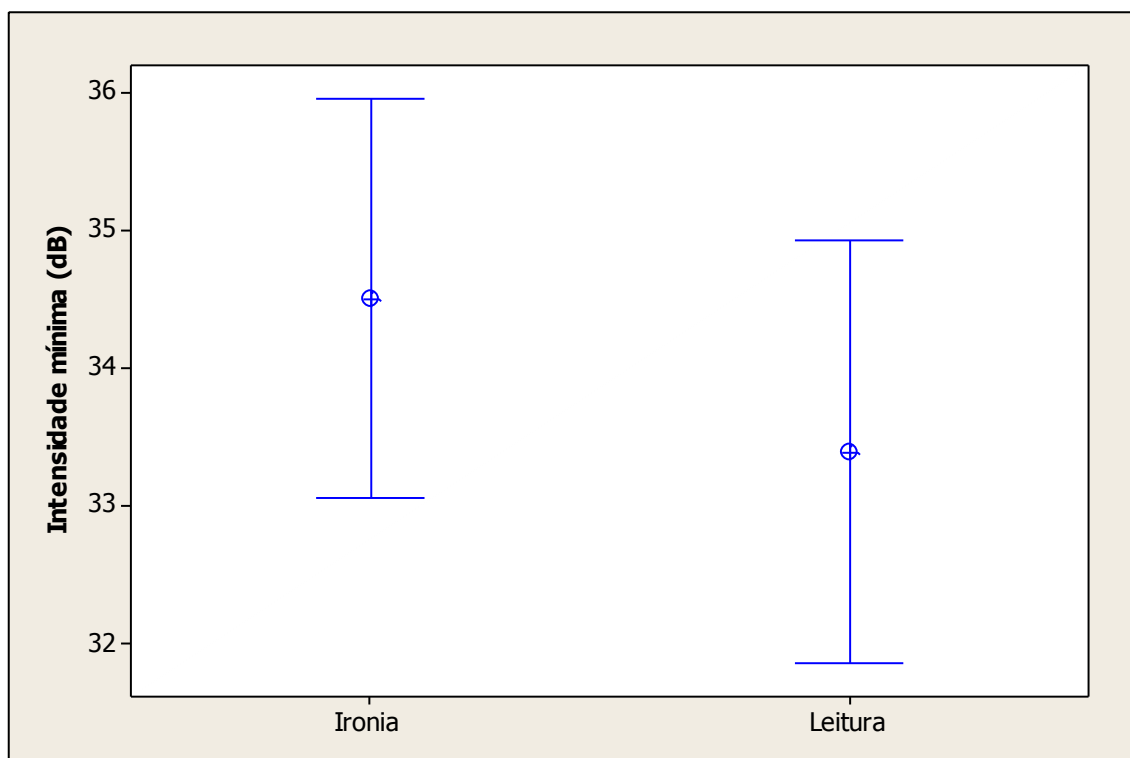
Analisando os valores médios, observamos que todas as medidas de intensidade apresentaram valores mais elevados nos enunciados irônicos. Esse parâmetro foi muito observado durante o estudo preliminar, quando a pesquisadora dizia aos informantes para reproduzirem o enunciado classificado por eles como irônico e a grande maioria falava com maior intensidade.

Porém, em alguns casos, acreditamos que, quando um indivíduo faz um esforço para que a ironia não passe despercebida, ele tende a diminuir a intensidade da voz. Neste estudo, isso ocorreu na situação em que o informante enunciava ironicamente: “é, precisamos estudar mais o português”. Do mesmo modo, no estudo de Nuolijärvi e Tiittula (2011), quando o enunciado “lembro-me vagamente” foi dito ironicamente, apresentou diminuição de intensidade.



**GRÁFICO 24 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de intensidade máxima (em dB) na expressão da ironia e na leitura**

É possível notar, no GRAF. 25, abaixo, que os valores médios em todas as medidas de intensidade foram mais elevados na ironia, sendo que essa diferença não foi estatisticamente significativa para a intensidade mínima.



**GRÁFICO 25 – Representação dos intervalos de confiança estimados para as medidas de intensidade mínima (em dB) na expressão da ironia e na leitura**

Ao analisar os valores médios, verificamos que as medidas de variação de intensidade apresentaram maiores valores na ironia, conforme exposto no GRAF. 26, a seguir. Essa diferença foi estatisticamente significativa.

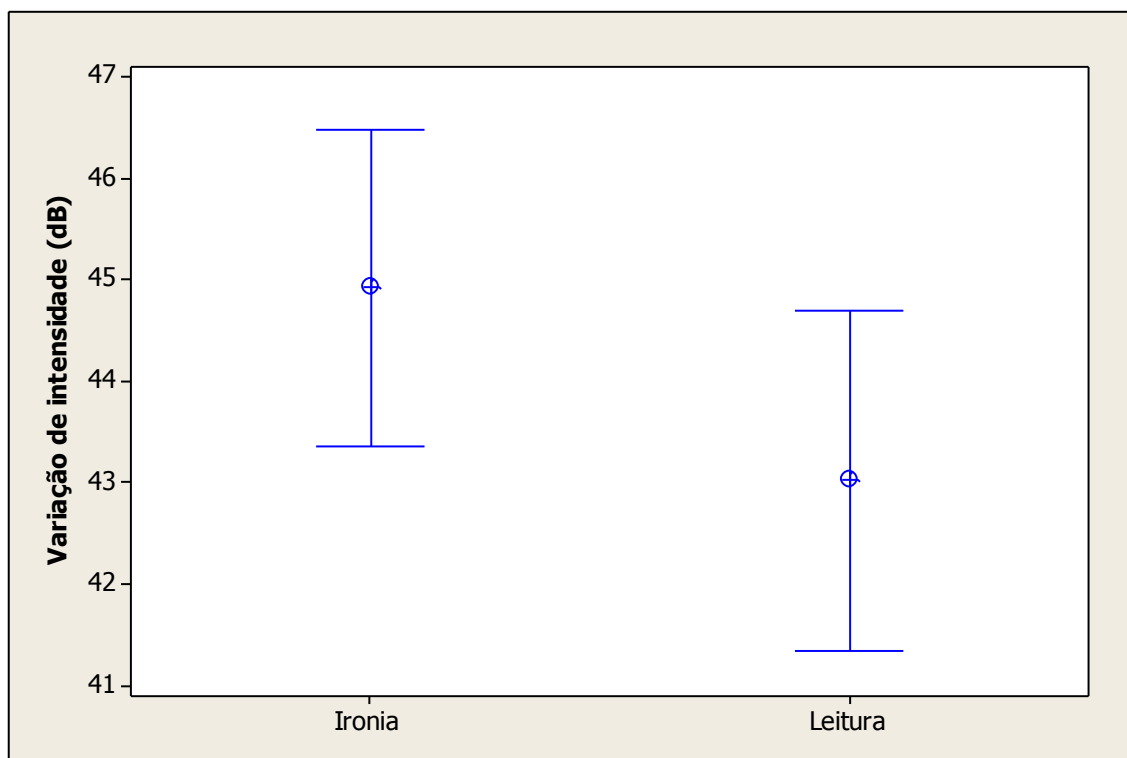


GRÁFICO 26 – Representação dos intervalos de confiança estimados para a variação de intensidade (em dB) na expressão da ironia e na leitura

#### 4.6.5 Análises das interjeições

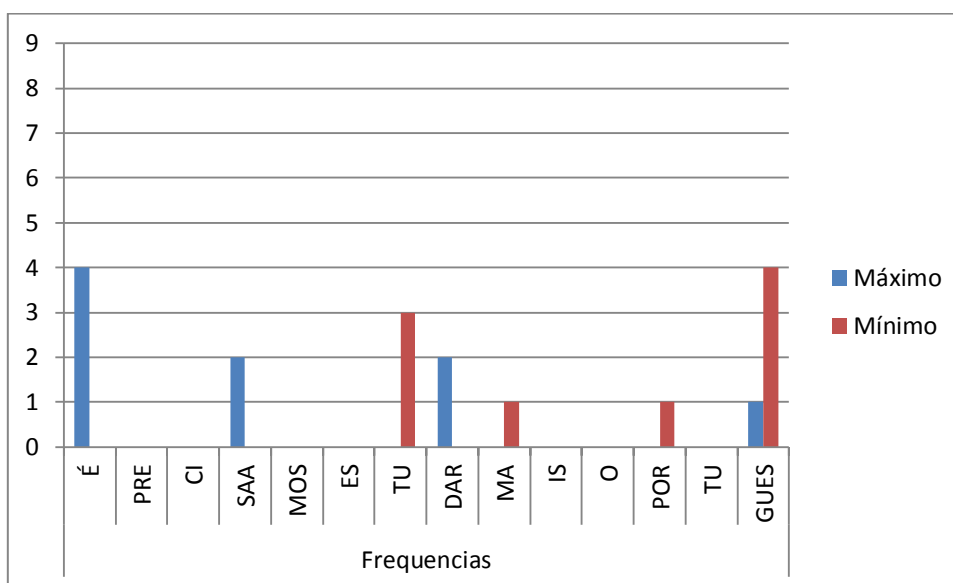
A análise das interjeições nos enunciados apontou que houve valores mais elevados na ironia para os parâmetros de intensidade mínima, variação de intensidade,  $F_0$  mínima e tessitura da interjeição, mas, para a duração, a intensidade máxima, a variação de intensidade, a  $F_0$  máxima e a  $F_0$  média da interjeição não houve diferença estatisticamente significativa, conforme exposto na TAB. 20:

TABELA 20 – Variáveis das interjeições na expressão da ironia e na leitura

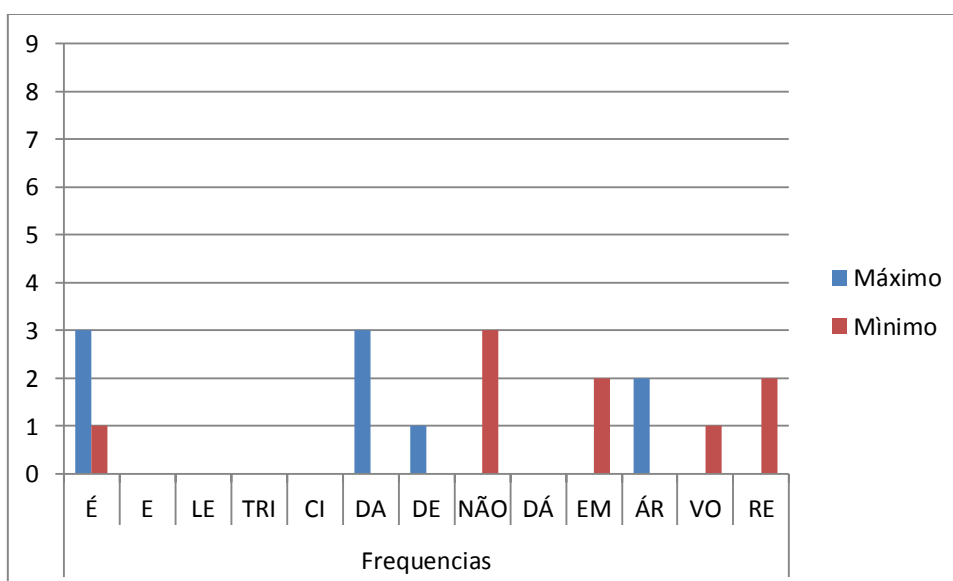
Variável	Média (DP) – Ironia	Média (DP) – Leitura	p-valor
Duração da interjeição (s)	0,317 (0,216)	0,190 (0,014)	0,002*
Intensidade máxima (dB)	72,96 (0,90)	70,27 (0,88)	0,036*
Intensidade mínima (dB)	58,60 (1,10)	56,55 (0,94)	0,163
Variação de intensidade (dB)	14,37 (0,92)	13,72 (0,73)	0,585
$F_0$ média da interjeição (st)	4,01 (0,44)	2,35 (0,38)	0,006*
$F_0$ máxima da interjeição (st)	7,32 (0,66)	4,61 (0,39)	0,001*
$F_0$ mínima da interjeição (st)	0,89 (0,51)	0,20 (0,48)	0,328
Tessitura da interjeição (st)	6,42 (0,78)	4,41 (0,36)	0,023*

Como se vê, todas as medidas apresentaram valores superiores na expressão da ironia, o que nos leva a acreditar que o uso de interjeições é um importante marcador para a criação das situações de ironia. Apenas na análise de intensidade mínima e  $F_0$  mínima os resultados obtidos não foram estatisticamente significativos.

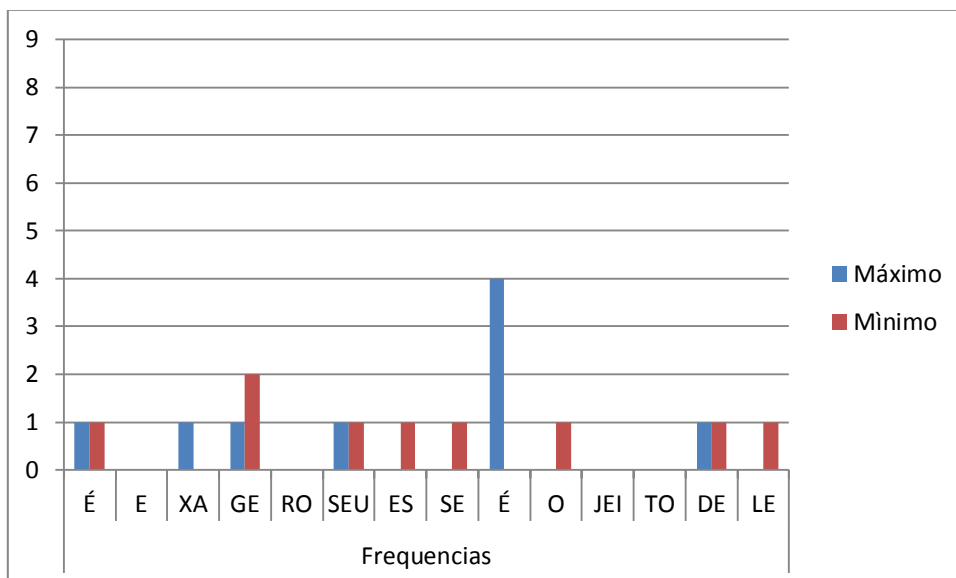
Nos GRAF. 27, 28, 29 e 30, a seguir, é possível notar uma maior incidência de  $F_0$  máxima nas interjeições:



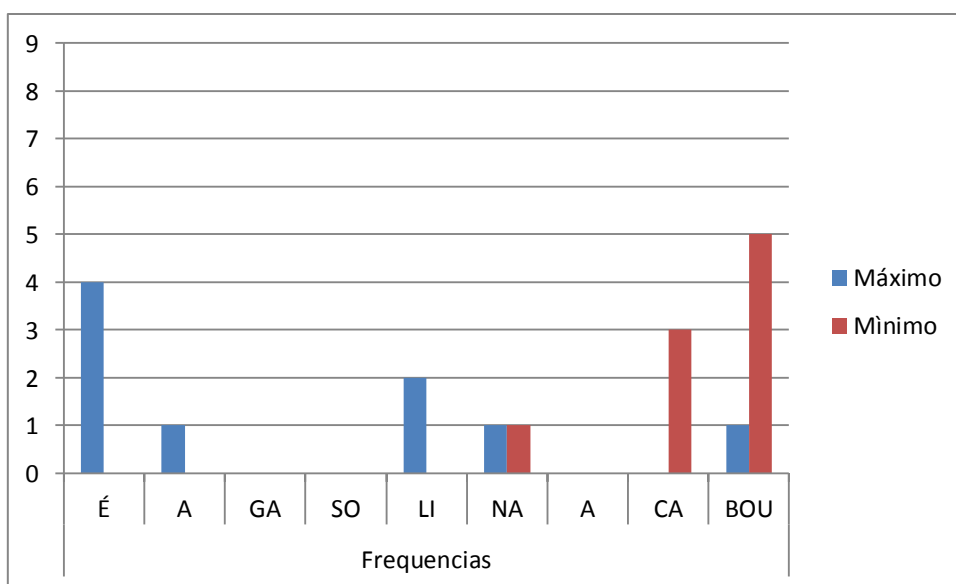
**GRÁFICO 27 – Incidência de  $F_0$  nas interjeições**



**GRÁFICO 28 – Incidência de  $F_0$  nas interjeições**



**GRÁFICO 29 – Incidência de F<sub>0</sub> nas interjeições**



**GRÁFICO 30 – Incidência de F<sub>0</sub> nas interjeições**

Seria interessante um estudo específico sobre o uso de interjeições na expressão de ironia, para verificar outros parâmetros que não foram analisados no presente estudo.

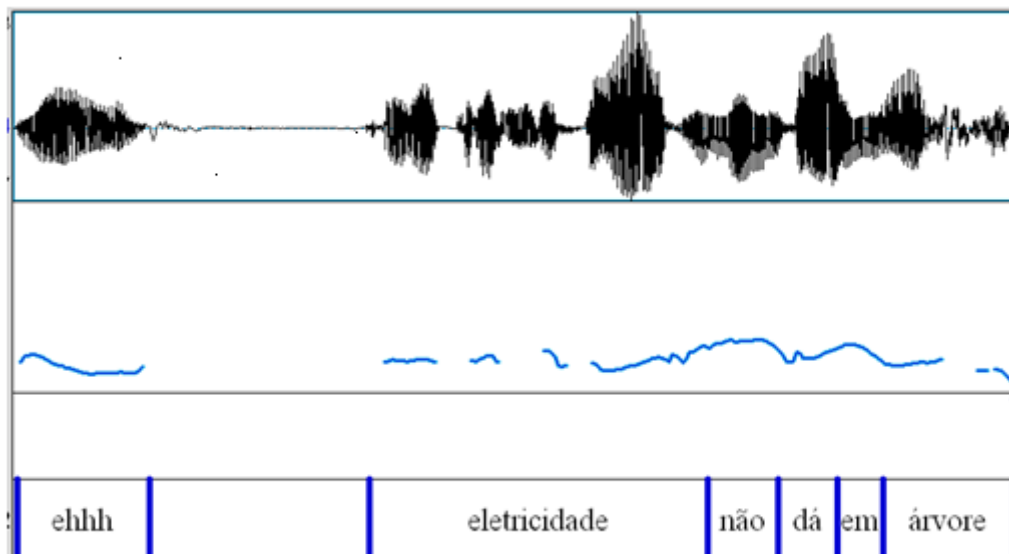


FIGURA 5 – Janela do PRAAT® mostrando a duração da interjeição e do enunciado lido

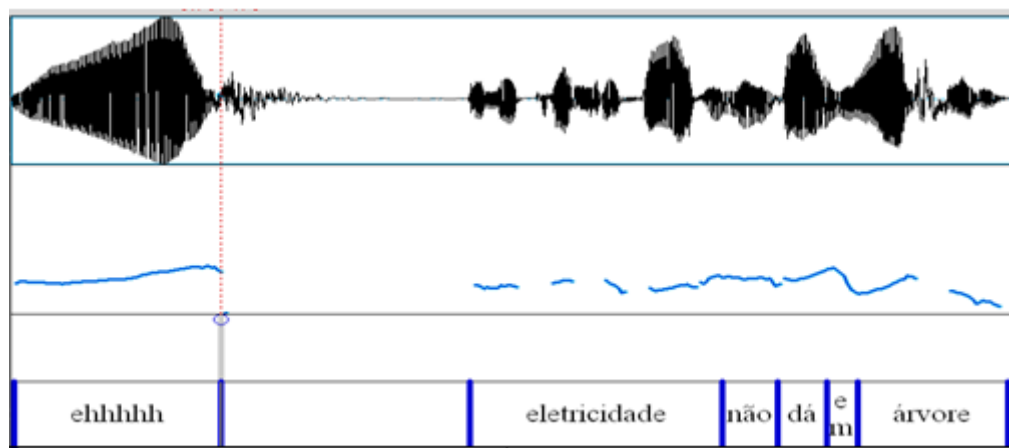


FIGURA 6 – Janela do PRAAT® mostrando a duração da interjeição e do enunciado irônico

A partir das FIG. 5 e 6, é possível notar que a duração da interjeição é bem maior na expressão de ironia do que na leitura. Ressaltamos que os sinais de ironia e de leitura aqui comparados foram do mesmo informante.

## 5. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar a prosódia na expressão da atitude de ironia. Inicialmente, esperávamos que, a partir de uma única e simples definição de ironia – a do “senso comum”, de que uma expressão irônica é aquela em que alguém diz o contrário do que estamos pensando –, nos daria uma explicação unívoca, ou, no mínimo, restrita de como os parâmetros prosódicos se comportariam na ironia. A partir da revisão bibliográfica e, principalmente, durante o estudo preliminar, foi possível compreender que falar em ironia não é tão simples assim. Isso porque percebemos a existência de várias formas de expressão, situações, contextos, interpretação do interlocutor, entre outros aspectos a serem considerados.

Assim, procedemos à análise de diversos parâmetros acústicos prosódicos, envolvendo  $F_0$ , intensidade e duração, com o objetivo de caracterizá-los na ironia. Optamos por analisar tais parâmetros de ironia expressa a partir da retomada de enunciados, isto é, de “locuções ecoicas”, nas palavras Sperber e Wilson (1995).

Os resultados revelaram que, na grande maioria dos parâmetros analisados, houve valores mais elevados nos enunciados expressos com ironia se comparados aos enunciados lidos.

As medidas de  $F_0$  revelaram parâmetros que foram muito relevantes no estudo dessa atitude. Os valores de  $F_0$  inicial,  $F_0$  final,  $F_0$  média e  $F_0$  máxima do enunciado foram significativamente maiores na atitude de ironia do que na leitura. Ao passo que na  $F_0$  mínima, os valores nos enunciados lidos foram maiores do que nos enunciados irônicos.

A tessitura apresentou valores bem mais elevados na emissão dos enunciados irônicos do que nos enunciados lidos, caracterizando a imensa variabilidade realizada a partir de um mesmo enunciado.

Em relação à tônica saliente, apenas a  $F_0$  mínima apresentou valores superiores na leitura, se comparada à emissão da ironia. Em contrapartida, a  $F_0$  máxima, a AM da vogal tônica saliente e a TVVM foram maiores na ironia.

Em relação à duração no enunciado e na tônica saliente, os valores foram mais elevados na emissão da ironia. Esse resultado mostrou que alguns informantes fizeram uso de prolongamentos, risos, e interjeições durante a expressão da ironia, o que interferiu no aumento da duração.

Ao analisar o mesmo parâmetro (duração) por informante, notou-se que, para quase todos, foi maior na emissão da ironia, havendo diferença estatisticamente significativa apenas para um informante.

Nas medidas de intensidade máxima, intensidade mínima e variação da intensidade, todos os valores foram maiores na emissão da ironia, sendo que apenas para a intensidade mínima não foi estatisticamente significativa.

Como foi dito, durante o estudo, como muitas pessoas utilizam interjeições como possíveis marcadores de ironia, julgamos necessário analisar também esse aspecto.

Assim, analisamos a duração da interjeição, a intensidade máxima, a intensidade mínima, a variação de intensidade, a  $F_0$  máxima, a  $F_0$  mínima e a tessitura da interjeição, havendo diferença estatisticamente significativa entre a expressão da atitude de ironia e a leitura para as medidas de duração do enunciado, intensidade máxima,  $F_0$  média e máxima do enunciado e tessitura. Todas as medidas apresentaram valores superiores na expressão da atitude. Notamos que a grande maioria dos informantes elevou a  $F_0$  máxima na interjeição. A análise desse parâmetro nos mostrou que existe grande variação entre a leitura de uma interjeição e expressá-la com ironia.

Diante do exposto, podemos concluir que existem diferenças prosódicas entre a expressão de enunciados irônicos e de enunciados lidos. Da mesma forma, percebemos que, além da entonação, parâmetros como a duração e a intensidade também exerceram influência na expressão da atitude. Assim, constatamos que o



presente estudo atingiu os objetivos pretendidos, evidenciando as formas de expressão de ironia e como é possível transformar em ironia um comentário qualquer, dito sem uma intenção específica, causando ao interlocutor possibilidades diversas de entendimento. Porém, acreditamos que pesquisas futuras são necessárias para favorecer a melhor compreensão do papel da prosódia na expressão da atitude de ironia. Sugerimos, desse modo, a realização de estudos futuros envolvendo aspectos que não foram estudados aqui, como, por exemplo, fazer uma comparação entre a ironia e outras atitudes, como: dúvida, certeza, incredulidade, incerteza, dentre outras.

Além da contribuição para a área da Linguística, este estudo também apresenta sua contribuição à Fonoaudiologia, área de atuação da pesquisadora, tendo em vista que esses resultados podem ser empregados no treinamento de atores, políticos, bem como na fonoterapia de pacientes que apresentam dificuldades na expressão de atitudes, ou mesmo que são estereotipados como “pessoas irônicas”.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, L. B. O conceito das atitudes no estudo prosódico. In: *Asa Palavra*, Brumadinho, n. 5, ago., 2006.

ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões*. 306f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística). Belo Horizonte: UFMG/FALE. 2007.

AZEVEDO, L. L. *Expressão da atitude através da prosódia em indivíduos com doença de Parkinson idiopática*. 318f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística). Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2007.

BARBE, K. *Irony in Context*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

BOLINGER, Dwight. *Intonation and its parts – melody in spoken english*. London: Edward Arnold Publishers, 1986.

CAHN, J. E. Generating expression in synthesized speech. In: MOZZICONACCI, S. *Speech variability and emotion – production and perception*. PhD Thesis, Technical University Eindhoven, 1998.

CAPELLI, C. A.; NAKAGAWA, N.; MADDEN, C. M. *How Children Understand Sarcasm: The Role of Context and Intonation*. Child Development, 1990.

CELESTE L. C. *A prosódia na expressão de atitudes na fala de indivíduos com e sem gagueira*. 2010. 271 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l'humour? In: *Questions de communication*, n. 10, p.19-41, 2006.

CHEANG, H. S; PELL, M. D. *The sound of sarcasm*. Speech Communication, 2008. Disponível em: <[www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)>. Acesso em: 15 jan. 2010.

CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth. *An introduction to English Prosody*. Tübingen: Niemeyer, 1986.

CRYSTAL, David. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DEDAIC, Mirjana N. Ironic denial: Toboze in Croatian political discourse. In: *Journal of Pragmatics*, n. 37, v. 5, 2005.

DEIRDRE, Wilson. A pragmática da ironia verbal: echo ou pretensão? In: *Lingua*, n. 116, p.1722-1743, 2006.

DOROW, Clóris Maria Freire. A ironia no discurso jurídico. 2002.166 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas.

DUARTE, L. P. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

EISTERHOLD, J.; ATTARDO, S.; BOXER, D. Reactions to irony in discourse: evidence for the least disruption principle. In: *Journal of pragmatics*, v. 38, p.1239-1256, 2006.

FACIOLI, Adriano Machado. *O espírito da ironia na clínica psicológica*. 2003. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia.

FÓNAGY, Ivan. As funções modais da entonação. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 25, p.25-65, 1993.

GIBBS Jr., R. W. Irony in talk among friends. In: *Metaphor and Symbol*. n. 15, p. 5-27, 2000.

GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. (Eds). *Irony in language and thought*. New York: Erlbaum, 2007.

GIORA, R. et al. *On negation as mitigation: the case of negative irony*. In: *Discourse Processes*, n. 39, p.81-100, 2005.

GRICE, H. P. Logic and conversation. *William James Lectures*. Reprinted in Grice, HP, 1989. p.1-143.

GRICE, H. P. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

HALLIDAY, M. A. K. *A course in spoken english: intonation*. Oxford: Oxford University Press, 1970.

HARTUNG, M. *Ironie in der Alltagssprache*. Eine gesprächsanalytische Untersuchung. Westdeutscher Verlag, Opladen. 1998.

HEWLETT, N.; BECK, J. *An introduction to the science of phonetics*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

HUTCHEON, L. Irony's Edge. *The Theory and Politics of Irony*. London: Routledge, 1994.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'implicite*. Paris: Armand Colin, 1986.

KOTTHOFF, H. Responding to irony in different contexts: on cognition in conversation. In: *Journal of pragmatics*, v. 35, p.1387-1411, 2003.

LIBERMAN, M.; PIERREHUMBERT, J. Intonation Invariance under changes in Pitch Range and Length. In: ARONOFF, Mark; OEHRLE, Richard T. (Eds.). *Language Sound Structure*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1984.

LIEBERMAN, Philip; MICHAELS, Sheldon. B. Some aspects of fundamental frequency and envelope amplitude as related to emotional content of speech. *Journal of the Acoustical Society of America*, n. 34, 1962.

MORA, C. M. *Ironia no Rudens de Plauto*. Universidade de Aveiro, Ágora. Estudos Clássicos em Debate. Disponível em: <<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Ironia.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2010.

MORLEC, Y.; BAILLY, G.; AUBERGÉ, V. Generating prosodic attitudes in French: data, model and evaluation. *Speech Communication*, n. 33, p.357-371, 2001.

MOZZICONACCI, Sylvie. The expression of emotion considered in the framework of an intonation model. In: *Proc. ISCA/ ITRW on Speech and Emotion*, Belfast, Northern Ireland, p. 45-52, 2000.

MOZZICONACCI, Sylvie; HERMES, D. A study of intonation patterns in speech expressing emotion or attitude: production and perception. *IPO Annual Progress Report*, n. 32, p.154-160, 1997.

MUECKE, D. C. *Irony*. London: Methuen, 1978.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

NORRICK, N. *Conversational Joking. Humor in Everyday Talk*. Indiana University Press, Bloomington. 1993.

NUOLIJÄRVI, Pirkko; TIITTULA, Liisa. Irony in political television debates. In: *Journal of Pragmatics*, v.43, p. 572-587, 2011.

OLIVEIRA, Bruna Ferreira Valenzuela. *A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no Português Brasileiro*. 2011. 194 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

OLIVEIRA, L. M. *Ironia e metáfora – a linguagem figurada: o seu efeito argumentativo e a sua aplicação no ensino da língua materna. Múltiplas perspectivas em linguística: Uberlândia*. 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ileel/sumario.html>>. Acesso em: 11 abr. 2010.

PIKE, K. *The intonation of american english*. Ann Arbor: The Michigan University Press, 1945.

REIS, César. A entonação no ato de fala. In: MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo; BENNIBLER, Veronika (Orgs.) *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p.221-229.

SILVA, J. P. G. *Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no português brasileiro*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

t' HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. *A perceptual study of intonation: na experimental-phonetic approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TENCH, P. *The roles of intonation in english discourse*. New York. Peter Lang. 1990.

VASCONCELOS, Carla. A prosódia na expressão das atitudes de dúvida e certeza em indivíduos com perda auditiva bilateral. 2011. 237 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte.

WICHMANN, Anne. The attitudinal effect of prosody, and how they relate to emotion. *Speech Prosody Conference*. Aix-en-Provence, França, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2012

WILSON, Deirdre. The pragmatics of verbal irony: Echo or pretence? In: *Língua*, n. 116, p.1722-1743, 2006.

## **ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Nós, as fonoaudiólogas Karen Maria de Paula e Luciana Lemos de Azevedo, portadoras dos registros no Conselho Regional de Fonoaudiologia, respectivamente, números 6490 e 0707, e o linguista César Reis, vimos, por meio deste, esclarecer-lhe o objetivo do estudo que pretendemos desenvolver, a fim de obtermos o seu consentimento para participar de nossa pesquisa.

Será pesquisado como os parâmetros prosódicos (frequência, intensidade e duração) se comportam na expressão da atitude de ironia no português brasileiro. A partir dos resultados obtidos, esperamos contribuir para o estudo da prosódia, mostrando a relação entre os aspectos prosódicos e a expressão de atitudes, particularmente a de ironia.

Os informantes deste estudo serão adultos do gênero feminino e masculino, estudantes de artes cênicas em final de curso. Os sujeitos serão submetidos à gravação da leitura de enunciados e à expressão a atitude de ironia. A gravação será realizada dentro de uma cabine acusticamente tratada, localizada no Laboratório de Fonética da FALE/UFMG, situado no Campus Pampulha. Esse procedimento será realizado no dia em que os informantes estiverem disponíveis e não trará dor ou riscos à saúde deles, sendo realizada somente a gravação da fala para posterior análise.

Queremos deixar claro a você que os dados pessoais de todos os sujeitos da pesquisa serão mantidos sob sigilo absoluto, preservando-lhes as identidades. As gravações obtidas não serão exibidas em hipótese alguma, sendo utilizadas, desse modo, exclusivamente para as análises da pesquisa. No caso de publicações dos resultados desse projeto, serão divulgados somente grupos populacionais, mantendo totalmente preservada a identificação individual.

A participação de todos nesse projeto é gratuita e voluntária. Todos terão o direito de desistirem quando desejarem.

Pedimos a você que, caso concorde em participar do nosso estudo, leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, o preencha com seu o nome, o número do seu documento de identidade e sua assinatura.

Caso necessite de quaisquer esclarecimentos a respeito da pesquisa, estaremos à disposição, por meio dos telefones (31) 9684-8769 (Karen de Paula), (31) 9975-9397 (Luciana Azevedo) e (31) 3409-5152 (César Reis), para os quais você poderá ligar ou enviar mensagens de texto. Você poderá entrar em contato ainda por meio dos e-mails [karen\\_paula2000@yahoo.com.br](mailto:karen_paula2000@yahoo.com.br) (Karen de Paula), [azevedoll@terra.com.br](mailto:azevedoll@terra.com.br) (Luciana Azevedo), [creis@ufmg.br](mailto:creis@ufmg.br) (César Reis), ou diretamente com o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, no seguinte endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005, 2º andar, CEP 31270-901, Telefone (31) 3409-4592, e-mail [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br).

**Ressaltamos que o COEP/UFMG poderá apenas esclarecer informações quanto a questões éticas do estudo.**

De posse dessas informações e esclarecimentos sobre os objetivos e benefícios deste estudo, concordo em participar e aprovo a divulgação dos dados obtidos por meio da pesquisa em eventos e revistas científicas.

Informante da pesquisa:

Nome em letra de forma \_\_\_\_\_

Número da identidade (se possuir) \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_  
César Reis  
(Pesquisador)

\_\_\_\_\_  
Luciana Azevedo  
(Pesquisadora)

\_\_\_\_\_  
Karen de Paula  
(Pesquisadora)

## ANEXO B – Situações de ironia

1) Você foi acompanhar um amigo na compra de um terno para ajudá-lo na escolha. Ele escolheu um terno que não lhe caiu bem, porém, a vendedora, no intuito de efetivar a venda diz:

– Ficou ótimo!

Você, então, olha para a vendedora e ironicamente diz:

– **Ficou ótimo.**

2) Uma pessoa, sem saber que você é professor de português, discute uma regra de acentuação. Você afirma a forma correta e a pessoa discorda da sua explicação dizendo:

– É, precisamos estudar mais o português.

Você, então, consciente da veracidade da sua explicação, já que é professor de português, diz a ela ironicamente:

– **É, precisamos estudar mais o português.**

3) A noiva, irritada com o noivo por ele ter dito ser necessário adiar a data do casamento para juntarem mais dinheiro, diz :

– Só sei que quero me casar logo!.

Ao passarem por uma loja, a noiva se encanta por um sapato muito caro e diz que vai comprá-lo. O noivo, então, sabendo que eles precisam gastar apenas com o necessário, ironicamente, diz:

– **Só sei que quero me casar logo.**

4) Um amigo, ao saber do seu interesse em comprar um carro, oferece-lhe o carro do irmão, alegando ser um excelente carro e estar em perfeito estado de conservação, mesmo você sabendo se tratar de um péssimo veículo, e diz:

– Se eu fosse você, não perderia essa oportunidade.

Dias depois, você o encontra em uma concessionária à procura de um carro para comprar e, questiona-o, ironicamente, o porquê de ele não comprar o carro do irmão, uma vez que ele alega estar o carro em tão bom estado de conservação, e lhe diz:

– **Se eu fosse você, não perderia essa oportunidade.**



5) Você vai se casar e pede uma sugestão a amigos de um prato para a festa, que seja sofisticado, mas barato. Então, uma moça da turma diz:

– Sirva caldo de abóbora, que é muito chique.

Porém, você sabe que caldo de abóbora não é um prato adequado para ser servido nessa ocasião. A conversa continua e ela, que também vai se casar, diz que vai pedir ao *buffet* que está organizando seu casamento, uma sugestão para o prato quente. Você, então, ironicamente diz:

– **Sirva caldo de abóbora, que é muito chique**

6) Dois colegas de trabalho torcem para times rivais (Atlético e Cruzeiro) e sempre aproveitam essa situação para rir um do outro. Certo dia, o Cruzeiro goleia um time estrangeiro e o amigo cruzeirense chega no trabalho com a camisa do time, olha para o atleticano e diz, exibindo sua camisa

– Decidi que não vou mais falar de futebol para não humilhar os outros times.

Alguns dias depois os dois times se enfrentam e o Atlético goleia o rival. Ao chegar para trabalhar, o amigo atleticano olha para o cruzeirense e lhe diz ironicamente:

– **Decidi que não vou mais falar de futebol para não humilhar os outros times.**

7) Você pertence a uma classe social mais alta que a maioria de seus amigos, que sempre “se aproveitam” dessa condição para fazer com que você pague tudo para eles. Um desses amigos, confiante de que você pagará os ingressos de um show que todos são fãs, lhe diz:

– Não podemos perder esse show de forma alguma.

Você, então, cansado de ser “explorado” por eles, compra apenas seu ingresso e, ao ver o espanto de todos, que achavam que ganhariam os ingressos de você, comenta:

– **Não podemos perder esse show de forma alguma.**

8) Você combina com sua mãe que, no próximo dia de sol, a ajudará a lavar os tapetes da casa dizendo:

– Nada como um belo dia de sol para fazer faxina.

Mas, no dia seguinte, o sol está brilhando e seus amigos te chamam para ir ao clube. Você logo se anima para ir com eles. Sua mãe, então, lhe diz ironicamente:

– **Nada como um belo dia de sol para fazer faxina.**

9) Seu pai reclama do valor da conta de energia elétrica, dizendo que é muito alta porque você sempre vê televisão e ouve música ao mesmo tempo e lhe diz:

-É, eletricidade não dá em árvore.

Certo dia, ao entrar no quarto dele, você percebe que a televisão e o rádio estão ligados, ambos no futebol, e lhe diz ironicamente:

- **É, eletricidade não dá em árvore.**

10) Desde criança, você tem um sério problema na coluna, que sempre lhe causou muitas dores nas costas. Porém, agora você também está acima do peso. Certo dia, você comenta com sua sogra que está sentindo fortes dores na coluna, e ela logo diz:

-Com certeza é seu excesso de peso.

Dias depois, sua sogra dormiu de mau jeito e comenta que, por isso, está sentindo fortes dores na coluna. Como ela também está acima do peso, você lhe diz ironicamente:

- **Com certeza é seu excesso de peso.**

11) Você comenta com seu amigo que, por sentir muitos ciúmes da sua esposa, sempre “vasculha” o celular dela para ver se tem ligações de outros homens. Ele, então, reprova sua atitude, e diz:

- Quanta neurose, você não pode ser assim, precisa confiar nela.

Porém, um dia, você o vê mexendo no celular da esposa dele às escondidas, e diz ironicamente:

- **Quanta neurose, você não pode ser assim, precisa confiar nela”.**

12) Irritado com as atitudes acomodadas de um parente que está hospedado em sua casa e não contribui nem financeiramente nem nas tarefas domésticas, você comenta com seu cunhado, que lhe diz:

- É exagero seu, esse é o jeito dele.

Porém, esse parente depois vai se hospedar na casa de seu cunhado que, irritado, comenta com você que ele continua tendo as mesmas atitudes “acomodadas”. Você, então, diz a ele ironicamente:

- **É exagero seu, esse é o jeito dele”**

13) Um casal está indo para a praia aproveitar o feriado prolongado. A esposa insiste para que o marido abasteça o carro porque a gasolina está pouca. Ele, prevendo que os postos estariam lotados por causa do feriado, diz pra ela confiar nele, que a gasolina daria e eles abasteceriam na estrada. No meio do caminho, a gasolina acaba e ele diz:

– É, a gasolina acabou.

A esposa, então, diz ironicamente:

– **É, a gasolina acabou.**

14) Na festa da escola, uma aluna muito esnobe e que gosta de chamar a atenção, vai com uma roupa muito curta. Uma pessoa comenta com ela, discretamente, que sua roupa está chamando muito a atenção e sugere que ela se troque. Ela, então, diz:

– O que é bonito é pra se mostrar.

Logo depois, outra moça começa a chamar a atenção de todos na festa, porém, por sua roupa bonita. Invejosa, a aluna comenta com seus amigos que a moça está chamando muito a atenção, e eles dizem ironicamente:

– **O que é bonito é pra se mostrar.**

15) Você, que tem cabelos cacheados, comenta com sua amiga que pensa em fazer escova progressiva para deixar os cabelos lisos. Ela, porém, também pensa em fazer alisamento, mas, por querer fazer primeiro, diz a você:

– Pra quê? Seus cabelos cacheados são tão lindos.

A opinião dela faz com que você mude de ideia e, alguns dias depois, ela diz que vai alisar os cabelos. Você, então, “surpresa” com a mudança de opinião, diz a ela ironicamente

– **Pra quê? Seus cabelos cacheados são tão lindos.**

## **ANEXO C – Instruções**

Cada um dos informantes selecionados recebeu uma ficha com as seguintes informações:

Você receberá fichas, cada uma contendo uma situação. Leia cada ficha (silenciosamente). Imagine-se na situação e pronuncie, o mais naturalmente possível, a frase em negrito.

As frases estão sem pontuação para que você fique à vontade para expressar a atitude de ironia da forma que achar mais conveniente. Sinta-se à vontade para usar gestos, expressões faciais etc., se achar que tais “pistas” serão úteis para expressar maior naturalidade ao enunciado. Se você achar que não ficou adequado, poderá repetir a sentença. Feito isso, poderá passar para a ficha seguinte.